



## *Personagens*

ANTÍOCO, Rei de Antioquia.

PÉRICLES, príncipe de Tiro.

HELICANO }  
ESCANES } dois nobres de Tiro.

SIMÔNIDES, Rei de Pentápole.

CLEÃO, governador de Tarso.

LISÍMACO, governador de Mitilene.

CERIMÃO, um nobre de Éfeso.

THALIARD, um nobre de Antioquia.

FILEMÃO, criado de Cerimão.

LEONINO, criado de Dionisa.

Marechal.

Um alcoviteiro.

BOULT, seu criado.

A filha de Antíoco.

DIONISA, esposa de Cleão.

TAÍSA, filha de Simônides.

MARINA, filha de Péricles e de Taísa.

LICÓRIDA, ama de Marina.

Uma alcoviteira.

Nobres, damas da corte, cavaleiros, gentis-homens,  
marinheiros, piratas, pescadores e mensageiros.

DIANA

GOWER, como coro.

## *Cena*

*Em várias localidades.*

# Ato I

*Diante do palácio de Antíoco.*

*Entra Gower.*

Para cantar velha cantiga  
Gower se espojou da cinza antiga,  
tendo as fraquezas assumido  
de um ser mortal, porque o sentido  
do atento olhar vos fascinasse  
e o fino ouvido. O desenlace  
desta canção já foi cantado  
em muitos dias de feriado;  
nobres e damas com a leitura  
dela encontraram grã ventura.  
Deixa ela os homens mais gloriosos  
*et bonum quo antiquius, eo melius.*  
Se vós, nesta época nascidos,  
de mais primor, de descabidos  
não apodardes os meus versos  
e aplausos derdes não perversos  
para o que um velho vos cantar,  
quero viver até acabar  
de consumir-me como archote  
na vossa estrada; eis o meu lote.  
Antioquia, essa cidade  
de que sabeis, foi em verdade  
por um monarca edificada,  
o grande Antíoco, que assentada  
lá tinha a sua capital,  
da linda Síria a primacial.

Conto uma história verdadeira.  
Tendo morrido a companheira  
desse monarca, uma menina  
deixou no mundo, uma bonina  
de tanta graça e formosura  
que era já o vê-la alta ventura.  
O Rei, porém — caso funesto! —  
a filha induz ao feio incesto.  
Oh filha má! Oh pai nocivo!  
dar ao amor tal objetivo!  
Mas, uma vez isso iniciado,  
tido não foi como pecado.  
A formosura da princesa  
atrai de toda a redondeza  
guerreiros mil, que em casamento  
a requestavam. Que tormento!  
Então o Rei fez um edito  
para encobrir esse delito:  
quem como esposa a requestasse,  
na morte achava o desenlace  
se uma charada, adrede feita,  
não resolvesse. Assim, desfeita  
tiveram cedo a cara vida  
rapazes mil, como aborrida  
prova vos dão tantos olhares  
que ali estão com torvos ares.  
Tudo o mais que se segue, ora confio  
ao vosso julgamento prestadio.

*(Sai.)*

## Ato I • Cena I

*Antioquia. Um quarto no palácio.*

*Entram Antíoco, Péricles e gente do séquito.*

**ANTÍOCO** · Já fostes, jovem príncipe de Tiro,  
bem instruído a respeito dos perigos  
da empresa que abraçastes.

**PÉRICLES** · Sim, Antíoco;

e é com o espírito animado pela  
glória de seu louvor que eu considero  
pouca coisa morrer nesta empresa.

**ANTÍOCO** · Que tragam nossa filha, com vestido

de noiva destinada ao próprio Jove.  
Ao nascimento dela, presidido  
por Lucina, lhe deu a natureza  
quantos dotes a deixam prazenteira,  
em conselho os planetas se reuniram  
para que as perfeições supremas, nela  
a se encontrar viessem.

*(Música.)*

*(Entra a filha de Antíoco.)*

**PÉRICLES** · Vede como  
se aproxima, tal qual a primavera.

As Graças tem por súditos; seu alto pensamento domina soberano sobre as virtudes que dão glória aos homens. Seu rosto é um livro só de encantos, onde páginas mil se encontram de agradável e esquisita leitura; dele o enfado foi apagado para sempre, como se a cólera sombria não devesse jamais ser da brandura companheira. Vós, oh deuses! que me fizestes homem e que imperais no amor; que neste peito despertastes o anelo de vir hoje provar o fruto desta celeste árvore, ou de tombar na empresa: protegei-me! Se obediente eu me mostro a vosso alvitre, concedei-me esta dita ilimitada.

ANTÍOCO · Príncipe Péricles...

PÉRICLES · ...que quer o filho ser do grande Antíoco.

ANTÍOCO · Em tua frente aparece a bela Hespérida.

Tem pomos de ouro, mas mui perigosos são eles de tocar, pois junto dela se acham dragões mortais para espantar-te. O rosto dela, como o céu, à vista te convida de encantos insondáveis, que alcançar tão-somente pode o mérito.

Vindo porém este a faltar, forçoso será que morra toda a tua pessoa, por indiscretos teres tido os olhos.

Aqueles príncipes que ali divisas, outrora, como tu, de tanto nome, pela fama atraídos, inflamados pelo desejo, falam-te com línguas sem palavras, com pálido semblante, sem outro abrigo, se não for somente este campo de estrelas; como mártires aqui se encontram todos, dizimados na guerra de Cupido, e te aconselham com funéreas feições a desistires, pois é certeza teres ruim sorte, correndo para a irresistível morte.

PÉRICLES · Antíoco, agradeço-te, por teres à minha condição mortal o ensejo dado de conhecer-se, preparando minha pessoa pela vista destes horrorosos objetos, a um destino mui semelhante ao deles. Pois a imagem da morte deve ser como um espelho

que nos ensina ser a vida apenas um sopro passageiro, e erro falace termos confiança nela. Assim, pretendo fazer meu testamento, e como doente que o mundo conheceu e o céu tivesse de longe visto, quando na agonia não se apega como antes aos prazeres transitórios da terra: paz tranqüila vos lego e a todas as pessoas boas, como é dever de todo soberano.

Deixo à terra de origem quanto tenho;

*(Virando-se para a filha de Antíoco.)*

mas a vós, esta chama imaculada do amor que vos consagro. Preparado desta arte para a vida e para a morte, aguardo o rude golpe.

ANTÍOCO · Já que desprezas os conselhos, toma conhecimento do proposto enigma; mas se o não resolveres, decretado foi que te espera aquele triste fado.

FILHA · De quantos esta prova já tentaram sejas tu o mais feliz; a todos eles possas avantajá-los com a vitória.

PÉRICLES · Como um campeão ousado entro na liça, sem conselhos pedir senão à minha valentia e lealdade.

“Serpe não sou, mas me alimento da própria mãe, que é meu sustento. Esposo quis, e, procurando-o, fui encontrar um pai mui brando. Marido ele é, e pai, e filho; eu, filha, esposa e mãe com brilho. Como, só dois, sejam tudo isso, resolve, e a ti farás serviço.”

Amarga medicina é a derradeira.

Mas, oh poderes, que infinitos olhos dais ao céu para os atos enxergarem dos homens cá de baixo! Por que causa não ficam eles turvos para sempre, se é verdade o que vi tão surpreendido, cheio de tanto assombro? Oh belo espelho da luz! eu vos amava, e ainda amaria, se o mal não estivesse aqui de espia. Vou falar-vos, embora a contragosto, pois perfeito não é quem chega à porta do vício, e de forçá-la não se importa. Sois uma bela viola; as cordas tendes

nos sentidos, que, sendo bem tocadas, porque produzam música legítima, o céu e os próprios deuses atrairiam, ávidos de escutá-la; manejada, porém, fora de tempo e de compasso, acertar só consegue o inferno o passo. Para ser franco, já não vos desejo.

**ANTÍOCO** · Príncipe Péricles, por tua vida não toques nela, pois é um artigo de nossa lei, que igual perigo encerra. Vosso tempo expirou; dai-nos agora a solução do enigma, ou preparai-vos para ouvir a fatídica sentença.

**PÉRICLES** · Grande Rei, poucos gostam de ouvir falar das faltas que com prazer praticam. Fora ofensa mui grande para vós falar-vos nisso. Quem o livro possuir do que os reis fazem, procederá com senso não o abrindo, pois, divulgado, o vício é como o vento sem anteparos, que, para expandir-se, joga areia nos olhos das pessoas.

No fim, sai muito cara a medicina; passou a rajada, e os olhos com mofina já vêem bastante para se fecharem ao vento ameaçador. Montes de terra para o céu a toupeira cega eleva, como a dizer que a terra está sofrendo com a opressão dos homens; mas, com isso, morre o pobre animal. Os reis são deuses da terra; é lei no vício o arbítrio deles. Já basta que o saibais, pois é prudente matar o mal muito antes que ele aumente.

Não há pessoa à própria vida avessa; deixai que eu ame, assim, minha cabeça.

**ANTÍOCO** (*à parte*) ·

Céus! não ter eu sua cabeça! É certo que encontrou o sentido. Mas usemos de malícia com ele. Jovem príncipe de Tiro, muito embora pelos termos de nosso edito estrito, sendo errônea vossa interpretação, ora pudéssemos pôr fim a vossos dias, a esperança, procedendo de uma árvore tão bela quanto vós, nos modula de outro modo. Dou-vos um prazo de quarenta dias; se não for revelado durante ele

nosso segredo, esse ato de clemência mostrará que eu me alegro com tal filho. Sereis tratado, durante isso, como a nossa honra compete e a vosso mérito.

(*Saem todos, com exceção de Péricles.*)

**PÉRICLES** · Quanto e quanto se esforça a hipocrisia por encobrir o crime! É como o hipócrita que de bom só possui o que aparece. Se ficasse provado que era falsa minha interpretação, certeza fora que não sois tão ruim, para manchardes a alma com o feio incesto. Mas é certo quanto aventei: pai sois a um tempo e filho, por vos haverdes criminosamente a vossa filha unido — essa ventura não é de pai, porém tão-só de esposo — e ela, é certo, alimenta-se da carne da própria mãe, porque lhe suja o leito; e ambos serpentes são, pois entre rosas tresandam como chagas cancerosas. Adeus, Antíoco; a prudência ensina que os homens que não coram das mais negras ações, empregam toda a vilania para ocultá-las do formoso dia. Um crime provoca outro, é muito certo; tão junto a luz sempre anda com a fumaça, como o assassínio com a luxúria crassa. São veneno e traição as mãos do crime; sim, e o escudo também, porque a vergonha conserve sempre longe. Assim, se é certo que me podeis matar, por precaução vou pôr entre nós dois bastante chão.

(*Sai.*)

(*Volta Antíoco.*)

**ANTÍOCO** · Achou a solução; por isso vamos a cabeça cortar-lhe.

Viver não há de, para a minha infâmia trombetear pelo mundo, proclamando que Antíoco erra tanto e por maneira tão repulsiva.

Assim, deve este príncipe morrer, para não ter meu nome que descer. Quem está aí?

(*Entra Thaliard.*)

**THALIARD** · Chamou-me Vossa Alteza?

**ANTÍOCO** · Thaliard, sois de nosso Conselho; suas íntimas ações nossa consciência à guarda entrega

de vossa discrição. A recompensa  
vossa fidelidade vai ter logo  
com serdes promovido. Ouve, Thaliard:  
aqui tens ouro, e aqui, veneno; odiamos  
o príncipe de Tiro. É necessário  
que o mates, não cabendo perguntares  
a razão disso. É ordem minha, e basta.

Dize-me: é coisa feita?

THALIARD · Sim, milorde,  
já está feita.

ANTÍOCO · É o bastante.

(*Entra um mensageiro.*)

Que vosso hábito

nos acalme, contando vossa pressa.

MENSAGEIRO · Fugiu, senhor, o príncipe.

(*Sai.*)

ANTÍOCO (*a Thaliard*) ·

Tua vida

depende disso; corre em seu encalço.  
E como a seta, quando disparada  
por experimentado archeiro, bate  
no alvo visado: assim, jamais retornes  
se não vieres dizer: morreu o príncipe  
Péricles.

THALIARD · Meu senhor,  
se ao alcance o tiver esta pistola,  
seguro o deixarei. Assim, despeço-me  
de Vossa Majestade.

ANTÍOCO · Adeus, Thaliard.

(*Sai Thaliard.*)

Enquanto não vir Péricles no chão,  
feliz não sentirei o coração.

(*Sai.*)

## Ato I · Cena II

*Tiro. Um quarto no palácio.*

*Entra Péricles.*

PÉRICLES · Que ninguém nos perturbe! — Qual a causa  
de eu ter mudado tanto, de ao meu lado  
sempre encontrar a triste companheira,  
essa melancolia de olhos torvos,  
de forma que nem mesmo o dia claro  
de marcha esplendorosa, nem a noite  
tranqüila — sepultura em que a tristeza  
deveria dormir — uma hora ao menos  
de sossego me enseja? Aqui os prazeres  
os olhos me cortejam, mas os olhos  
se esquivam deles; o perigo grande  
que eu receava mora em Antioquia,  
cujo braço não é bastante longo  
para alcançar-me. Mas, apesar disso,  
nem a arte do prazer pode alegrar-me,  
nem a distância do perigo chega  
para deixar-me alegre. É muito certo:  
as emoções morais, que nascimento  
tiveram nalgum medo exagerado,  
dos cuidados recebem força e vida,  
e o que de início era o receio apenas  
do que podia acontecer, se torna  
preocupação constante de evitá-lo.  
Assim se dá comigo: o grande Antíoco —

com quem para lutar sou pequenino,  
pois ele é tão potente que consegue  
concretizar os mínimos desejos —  
há de pensar que eu falo a todo o instante,  
muito embora calar eu promettesse,  
de nada me valendo assegurar-lhe  
que em honra o tenho, pois o oposto disso  
suspeita ele de mim. Tendo receio  
de quanto possa vir a envergonhá-lo,  
recorrer há de a todos os recursos  
para que nunca seja isso sabido.  
Há de inundar com tropas inimigas  
toda a região, mostrando-se tão forte  
com sua aparelhagem belicosa,  
que o estupor banirá de nossa terra  
toda a coragem, vindo nossos homens  
a ser vencidos antes de lutar,  
e punidos, sem ter sequer pensado  
numa ofensa qualquer. Só de cuidado  
por eles, não por medo de mim próprio —  
que a copa, tão-somente, sou de uma árvore  
que as raízes protege, em que defesa  
acham todos e vida — o corpo sinto  
desfalecer e definhar o espírito,  
ficando desse modo torturado  
antes de causar dano a esse malvado.

(*Entram Helicano e outros nobres.*)

**PRIMEIRO NOBRE** ·

Que a alegria e a ventura tomem conta desse peito sagrado!

**SEGUNDO NOBRE** · E assim do espírito, até que retornéis para nós todos em paz e consolado.

**HELICANO** · Paz, senhores! Que a experiência vos fale. Constitui vero abuso adular o soberano, que a adulação é o fole que não cessa de atijar o pecado. O que se adula, simples fáisca, a adulação transforma em chama vastadora. A repreensão, pelo contrário, moderada e humilde, convém aos soberanos, que, sendo homens, são passíveis de errar. Quando convosco conversa sobre a paz o lisonjeiro, vos adula e guerreia vossa vida. Príncipe, perdoai-me ou castigai-me, se assim determinardes, mas não posso cair mais do que estando assim de joelhos.

**PÉRICLES** · Deixai-nos sós, mas ide ver no porto que navios estão tomando carga, para mo relatardes.

*(Saem os nobres.)*

Abalaste-nos,

Helicano. Que vês em nosso rosto?

**HELICANO** · Uma fronte irritada, meu terrível soberano.

**PÉRICLES** · Se há dardos, tão terríveis no olhar do soberano, como tua língua tem a coragem de fazer-nos subir ao rosto a cólera?

**HELICANO** · Como ousam olhar as plantas para o céu que as nutre?

**PÉRICLES** · Bem sabes que o poder eu sempre tive de te tirar a vida.

**HELICANO** *(ajoelbando-se)* · Eu mesmo o gume do machado amolei; ora só tendes de desferir o golpe.

**PÉRICLES** · Não; levanta-te, por obséquio. O céu não queira que os reis ouvido tenham para escusas ouvir das próprias faltas. Conselheiro capaz e servidor de um soberano, que por tua prudência transformaste em teu criado um príncipe: que queres de mim neste momento?

**HELICANO** · Que com muita paciência suportéis os sofrimentos que sobre vós chamais.

**PÉRICLES** · É como médico, Helicano, que falas. Tu propinas-me uma poção que ingerir tu próprio revelaras receio. Agora escuta-me. Fui a Antioquia, onde, conforme o sabes, fazendo face à morte, eu pretendia uma beleza conquistar sem jaça, de quem me viesse prole que, decerto, se tornasse o sustento do monarca e alegria dos súditos. Seu rosto me pareceu extrema maravilha; o restante — em segredo to revelo — tão negro quanto o incesto. Adivinhado tendo isso minha ciência, o criminoso pai, muito longe de querer ferir-me, mostrou-se lisonjeiro. Mas bem sabes que de temer é sempre o potentado, quando se mostra afável e afeiçoado. Esse temor, de mim se apoderando, me fez fugir de lá, sob a coberta da noite diligente, que bondosa protetora me foi. Aqui chegando, pus-me a pensar no que se tinha dado, no que podia vir a acontecer-me. Ele é tirano; e o medo nos tiranos não diminui, só cresce com os anos. Se ele suspeita, o que fará sem dúvida, que eu hei de revelar ao ar atento de quantos dignos príncipes o sangue foi derramado para que o segredo de seu leito de horrores não ficasse patente e descoberto, porque possa cortar cerce essa dúvida há de o nosso país encher de forças, pretextando tomar vingança de qualquer ofensa que eu lhe fizera. E assim, por uma ofensa — vamos dar-lhe esse nome — por mim feita, todos o açoite sentirão da guerra que não poupa a inocência. O amor aos súditos, por isso, estando tu incluído neles, embora me censures...

**HELICANO** · Ah, senhor!

**PÉRICLES** · ...dos olhos me secou o doce sono, do rosto, o sangue, mil e mil cuidados à alma fazendo vir-me, sobre o modo

de conjurar em tempo a tempestade, antes que ela arrebente; e não achando maneira alguma de livrar-me deles, julgo ser caridade pensar neles.

**HELICANO** · Pois bem, senhor, já que licença destes para eu falar, vou ser-vos franco nisto.

A Antíoco temeis, havendo causa, quero crer, de temerdes o tirano que, ou por traição ou guerra declarada, há de querer privar-nos da existência.

Por isso ide viajar, meu soberano, por algum tempo, até que se dissipe sua cólera ou até que lhe o destino corte o fio da vida. A alguém as rédeas entregai do governo. Se mas derdes, não serve ao dia a luz com mais lealdade do que Helicano a Vossa Majestade.

**PÉRICLES** ·

Tenho confiança em ti. Se em minha ausência,

porém, ele violar meus privilégios?

**HELICANO** · Deixaremos então o solo cruento de onde nos veio o ser e o nascimento.

**PÉRICLES** · Afasto-me de Tiro, então, e a Tarso dirijo os passos, onde fico à espera de novas que me mandes. Por tuas cartas me orientarei. Transmito-te os cuidados que sobre o bem-estar de meus vassalos sempre me acompanharam. Tens prudência bastante forte para suportá-los.

Não precisas jurar, fora escusado; sendo honesto, ser-me-ás sempre afeiçoado. Vivamos com lealdade, embora longe nos achemos um do outro, porque o tempo venha a provar que és um vassalo inteiro e eu, um príncipe reto e verdadeiro.

(*Saem.*)

## Ato I · Cena III

*O mesmo. Uma antecâmara do palácio. Entra Thaliard.*

**THALIARD** · Eis, afinal, Tiro, e aqui está a sua corte. Aqui deverei matar o Rei Péricles; se o não fizer, tenho a certeza de que serei enforcado, quando voltar. É perigoso. Muito bem; verifico que ele é um sujeito sábio e dotado de muita discrição, um tipo que, de uma feita convidado a solicitar do Rei o que quisesse, desejou nunca chegar a conhecer os seus segredos. Percebo agora que ele tinha razão para expressar-se desse modo; porque se o Rei ordena a alguém que se torne celerado, esse alguém, pela força de seu juramento, está obrigado a sê-lo. Mas, caluda! Aí vêm vindo os senhores de Tiro.

**HELICANO** · Não precisais continuar falando, caros pares de Tiro, sobre as causas da partida do Rei. A comissão selada que me foi por ele entregue diz o bastante: encontra-se de viagem.

**THALIARD** (*à parte*) · Como! O Rei está ausente?

**HELICANO** · Se mais saber quiserdes, o motivo de haver partido, por assim dizermos, sem de vossos afetos despedir-se, poderei dar-vos esclarecimentos. Em Antioquia estando...

**THALIARD** (*à parte*) · Em Antioquia! Que querará dizer?

**HELICANO** · ...o real Antíoco — não sei por que motivo — aborreceu-se com ele. Pelo menos assim Péricles acreditou. Por isso, receando ter cometido qualquer falta ou crime, determinou provar seu sentimento, procurando um castigo. Assim, nas lidas da vida dos marujos atirou-se, que quase à morte o leva a todo o instante.

**THALIARD** (*à parte*) · Vamos, pelo que vejo, não serei enforcado nem que o queira.

Uma vez que partiu, o Rei, decerto, ficará satisfeito de que escape da terra, para ir perecer nas ondas. Vou apresentar-me. (*Alto.*) Que haja paz com todos os senhores de Tiro!

**HELICANO** · És mui bem-vindo, lorde Thaliard, da parte do alto Antíoco.

**THALIARD** · Da parte dele venho com mensagem para o príncipe Péricles. Mas tendo sabido, desde que saltei em terra, que vosso amo se fez à vela para

terras desconhecidas, meu recado devolvido vai ser para seu dono.

**HELICANO** · Razão não temos para que a mensagem nos entregásseis, porque dirigida

não veio para nós; é de nosso amo. Como amigos de Antíoco, no entanto, só vos pedimos que antes de voltardes conosco festejeis algumas tardes.

(*Saem.*)

## Ato I · Cena IV

*Tarso. Um quarto no palácio do governador.*

*Entram Cleão, Dionisa e criados.*

**CLEÃO** · Descansemos aqui, minha Dionisa, para ver se contando alheias mágoas, a esquecer as presentes aprendemos.

**DIONISA** · Fora atijar o fogo, na esperança de chegar a apagá-lo. Quem escava montes por serem altos, só consegue uma montanha derrubar, para outra mais alta edificar. Meu desgraçado senhor, assim são nossas desventuras. Foram sentidas até aqui, e vistas com os olhos do infortúnio; mas, como árvore, crescerão mais, se forem sacudidas.

**CLEÃO** · Oh Dionisa!

Qual o faminto que não diz ter fome, ou que pode enganá-la até que morra? Deixa que nossas vozes desoladas façam soar com força pelos ares todo o nosso infortúnio; que o lamentem nossos olhos, até que novas forças recobre a língua para proclamá-lo com mais vigor. Se o céu dormir, enquanto sofrem suas criaturas; é possível que sua compaixão a acordar venha para auxílio levar-lhes. Nossos males, assim, chorar pretendo, já tão velhos; e quando o fôlego a faltar me vier, recorrerei ao pranto de mulher.

**DIONISA** · Senhor, hei de esforçar-me.

**CLEÃO** · Neste burgo de Tarso em que eu tenho o governo, outrora dominava a abundância até nas ruas. As torres as cabeças elevavam para beijar as nuvens, não podendo sem espanto admirá-las o estrangeiro. Seus homens e mulheres com tal garbo se enfeitavam, que espelhos pareciam

em que se contemplassem mutuamente.

As mesas, sempre cheias, um convite mandavam para os olhos e o apetite.

Desdenhada a tal ponto era a pobreza, que o auxílio era tachado de vileza.

**DIONISA** · Oh! tudo isso é verdade.

**CLEÃO** · Mas vede o que o céu faz. Numa mudança repentina, essas bocas que até há pouco a terra, os mares, o ar eram pequenos para satisfazer, por mais que pródigos com seus dons se mostrassem, como casas que se estragam por nunca usadas serem, por falta de exercício ora definham. Esses palatos que, há só dois estios, para se deliciarem procuravam mil invenções, com pão, somente, agora ficariam contentes, e o mendigam. As mães, que suficiente nada achavam para deixar os filhos, satisfeitos, a devorar ora dispostas se acham seus próprios pequerruchos tão louvados. Tão afiados os dentes são da morte, que os casais lançam sorte porque a vida com a ruína de um tenha o outro mais dorida.

Aqui chora um senhor; ali, uma dama; os que vêem sucumbir uma criatura força não têm de dar-lhe sepultura. Não é verdade tudo?

**DIONISA** · Nossas faces e nossos olhos cavos o confirmam.

**CLEÃO** · Oh! quem nos dera que as cidades que hoje, na orgia do supérfluo, com tal ânsia bebem da copa da abundância, ouvissem nossos fundos suspiros! A miséria de Tarso bem podia ser de todas.

(*Entra um nobre.*)

**NOBRE** · Onde se acha o senhor governador?

**CLEÃO** · Aqui.

Conta logo a desgraça que nos trazes



com tanta pressa, pois mui longe se acha qualquer consolo, para que o esperemos.  
**NOBRE** · No litoral vizinho percebemos uma esquadra imponente que se encontra de viagem para cá.

**CLEÃO** · É o que eu pensava.  
 Uma desgraça nunca vem sozinha;  
 um herdeiro traz sempre. Assim, conosco.

De nossa situação aproveitando-se, algum povo vizinho encheu os barcos com forças de combate, para virem derrubar quem por terra já se encontra e triunfar de um coitado, muito embora nenhuma glória ganhe com tal feito.

**NOBRE** · Não temamos tal coisa. Pelas mostras das velas brancas que tremulam soltas, trazem-nos paz e vêm com auxiliares, não como imigos.

**CLEÃO** · Falas como aluno que ainda não sabe como uma risonha cara pode ocultar muita peçonha.

Mas sejam suas intenções quais forem, que temos a recear?

O abismo está patente, e nós, no ponto de cair dentro dele. Ao comandante dos inimigos vai dizer que estamos à espera dele aqui, para sabermos de onde vem, por que vem e o que deseja.

**NOBRE** · Irei, senhor.

(*Sai.*)

**CLEÃO** · Bem-vinda é a paz, se paz ele deseja; do contrário, impossível é a peleja.

(*Entra Péricles, com séquito.*)

**PÉRICLES** · Senhor governador — pois já soubemos que tendes esse cargo — que os navios numerosos e os homens que trouxemos não sejam como fogos aqui postos para os olhos deixar-vos ofuscados. Em Tiro comentar vossas misérias já tínhamos ouvido, o que confirma tanta desolação em vossas ruas.

Cá não viemos juntar a vossas lágrimas novas tristezas, mas aliviá-las de fardo tão pesado. Nossos barcos que ao cavalo de Tróia, porventura, pensais serem semelhantes, tendo dentro só veias sanguinárias, aprestadas para vossa ruína, carregados estão de trigo, para preparar-vos o pão indispensável e dar vida aos que de fome a têm como perdida.

**TODOS** · Que os deuses vos amparem. Rezaremos de hoje em diante por vós,

**PÉRICLES** · Não, levantai-vos por favor. Não queremos homenagens, mas afeição e um porto hospitaleiro para nós, nossos homens e os navios.

**CLEÃO** · Se houver alguém que não vos satisfaça, ou em pensamento ingrato se revele, embora nossa esposa, ou filho nosso, qualquer, qualquer de nós, sobre ele caia a maldição do céu, punindo os homens tamanha vilania. Até esse instante, que nunca chegará, tenho certeza, Vossa Graça é bem-vindo a nós e a todos.

**PÉRICLES** · Ficaremos aqui com alegria até que nossa estrela nos sorria.

(*Saem.*)

## Ato II

*Entra Glower.*

Vistes um Rei mui poderoso viver com a filha — ato horroroso! — no feio incesto, e um moço nobre vistes também, de alma não dobre, que se tornou muito querido por quanto fez de alto sentido.

Ninguém, portanto, agora brade, até que passe a adversidade. Mostrar-vos quero o infortunado perder um rato — oh incerto fado! — para ganhar um monte inteiro. Aquele nobre cavalheiro, a quem bendigo, se encontrava em Tarso ainda. O que falava

era por todos acatado  
 como versículo sagrado.  
 Para fixar sua memória  
 estátua elevam-lhe notória.  
 Mas vedes nova diferente.  
 Por que falar? O olho não mente.  
 Pantomima

*Entra, por um lado, Péricles, falando com Cleão, e os respectivos séquitos; por outra porta entra um gentil-homem que traz uma carta para Péricles; este mostra a carta a Cleão; em seguida, dá uma recompensa ao mensageiro e o arma cavaleiro. Péricles, Cleão etc. saem por lugares diferentes.*

Ainda Helicano em Tiro habita,  
 não como o zangão parasita  
 que vive só do esforço alheio;  
 promove o bem, e o mal tão feio  
 tenta anular. Ao amo escreve  
 o que se passa em tempo breve.

Como Thaliard, de outrem vassalo,  
 chegara ali para matá-lo.  
 Em Tarso, pois, não deveria  
 deixar-se estar nem mais um dia.  
 Péricles o ouve e ao mar se faz,  
 onde o homem nunca encontra paz.  
 Logo a soprar começa o vento;  
 ronca o trovão, e as ondas cento  
 no barco dão sacudidela  
 que o faz perder de pronto a vela,  
 e em vez de firme e fiel guardida  
 põe-lhe em perigo a própria vida.  
 Correndo assim, nesse desmando,  
 de costa em costa andou vagando.  
 Tudo perdeu; ninguém da morte —  
 salvo ele só — fugiu ao corte,  
 té que a Fortuna, alfim cansada,  
 em terra o pôs, na firme estrada.  
 O que ele aí fez, dizer não posso;  
 longo está o conto; o resto é vosso.

(Sai.)

## Ato II · Cena I

*Pentápole. Uma área junto do mar.  
 Entra Péricles, todo molhado.*

**PÉRICLES** · A ira acalmai, oh astros irritados!  
 Ventos, chuva, trovões, lembrai-vos sempre  
 que o homem terreno é uma substância, apenas,  
 que sempre vencereis. Assim, de acordo  
 com a natureza, sou-vos obediente.  
 Ai! o mar atirou-me contra as pedras,  
 de praia em praia me jogou sem pausa,  
 só me deixando o fôlego preciso  
 para pensar na morte. Baste para  
 a grandeza de vossa potestade  
 ter de todos os bens privado um príncipe.  
 De vossa tumba líquida expulsado,  
 só quer morrer em paz neste gramado.

*(Entram três pescadores.)*

**PRIMEIRO PESCADOR** · Olá, Pilch!

**SEGUNDO PESCADOR** · Pronto! Vinde e trazei as  
 redes.

**PRIMEIRO PESCADOR** · Como, calça rota?

**TERCEIRO PESCADOR** · Como dissestes, mestre?  
**PRIMEIRO PESCADOR** · Vê lá se te mexes. Vem logo,  
 se não queres que eu te vá buscar com algum castigo.  
**TERCEIRO PESCADOR** · Por minha fé, mestre, estava  
 a pensar nos pobres homens que se perderam agora  
 mesmo à minha vista.  
**PRIMEIRO PESCADOR** · Ah! pobres almas! Partiu-  
 se-me o coração ao ouvir os gritos lastimosos que  
 eles nos dirigiam, para que os salvássemos, quando o  
 certo é que nós mal podíamos conosco.  
**TERCEIRO PESCADOR** · Não foi isso mesmo que  
 eu disse, mestre, quando vi os porcos do mar  
 encurvarem-se e saltar? Dizem que eles são metade  
 peixe e metade carne. A peste que os carregue!  
 Sempre que eles aparecem, eu fico à espera de um  
 banho. Mestre, admiro-me de como podem os  
 peixes viver na água.  
**PRIMEIRO PESCADOR** · Ora, do mesmo modo que  
 os homens vivem em terra: os grandes devoram os  
 pequenos. Não sei comparar nossos ricos avarentos  
 com coisa nenhuma tão imunda como a baleia, que

brinca e dá cambalhotas, tocando para a frente o pobre cardume de peixinhos, para, no fim, devorá-los só de uma bocada! Já ouvi falar dessas baleias de terra, que não cessam de abrir a goela, até engolirem a paróquia, a igreja, a torre, os sinos e tudo.

**PÉRICLES** (*à parte*) · Bonita moral.

**TERCEIRO PESCADOR** · Mas, mestre, se eu fosse o sacristão, teria passado hoje o dia no campanário.

**SEGUNDO PESCADOR** · Por quê, homem?

**TERCEIRO PESCADOR** · Porque a baleia me teria também engolido; e quando eu me encontrasse dentro dela, faria tal barulheira com os sinos, que ela não teria descanso enquanto não vomitasse os sinos, a torre, a igreja e a paróquia. Mas se o bom Rei Simônides fosse da minha opinião...

**PÉRICLES** (*à parte*) · Simônides!

**TERCEIRO PESCADOR** ·

... o país limparíamos desses zangãos, que roubam às abelhas o mel.

**PÉRICLES** (*à parte*) ·

Como estes pescadores nas criaturas escamosas do mar assunto encontram para as fraquezas ilustrar dos homens! E como no áqüeo reino acham também tudo quanto o homem faz de mal e bem.

(*Alto.*)

Haja paz, meus honestos pescadores, em tudo o que fizerdes.

**SEGUNDO PESCADOR** · “Honesto”, bom amigo! Que significa isso? Se for algum santo de vossa devoção, podeis riscá-lo do calendário, que ninguém dará pela falta dele.

**PÉRICLES** · O mar me vomitou em vossa praia.

**SEGUNDO PESCADOR** · Que bêbedo de marca é o mar, para vomitar-te em nosso caminho!

**PÉRICLES** · Um homem transformado pelas águas e pelos ventos numa bola, neste vasto campo de tênis, para jogo constante deles, vos implora amparo.

Pede-vos quem não soube pedir nunca.

**PRIMEIRO PESCADOR** · Ah! é assim, amigo? Não sabeis pedir? Pois há muita gente aqui em nosso país, na Grécia, que ganha mais mendigando do que nós com o trabalho.

**SEGUNDO PESCADOR** · Então, sabes pegar algum peixe?

**PÉRICLES** · Nunca o experimentei.

**SEGUNDO PESCADOR** · Então é certeza morreres de fome; porque hoje em dia não há jeito de pegarmos

alguma coisa, se não for pescando-a.

**PÉRICLES** · Já não tenho lembrança do que fui; mas o que sou, ensina-me o infortúnio: alguém de frio encarquilhado. As veias tenho geladas, sem mais vida nelas que o suficiente para ter na língua calor com que vos peça alguma ajuda.

Sem ela, vindo a perecer de fome, sepultura me dai, mesmo sem nome.

**PRIMEIRO PESCADOR** · Como! Estais falando em morrer? Deus não o permita. Tenho aqui uma capa. Vamos, veste-a; aquece-te. Mas é um belo rapaz, palavra de honra! Vamos; irás a nossa casa, onde teremos carne para os feriados, peixe para os dias de jejum, além de pudins e filhó. Será bem-vindo.

**PÉRICLES** · Obrigado, senhor.

**PRIMEIRO PESCADOR** · Agora uma coisa, amigo: disseste que não sabias pedir.

**PÉRICLES** · Só sei suplicar.

**SEGUNDO PESCADOR** · Só suplicar! Nesse caso, também vou virar suplicante, para livrar-me da chibata.

**PÉRICLES** · Como! Os mendigos aqui são chibateados?

**SEGUNDO PESCADOR** · Oh! de forma nenhuma, meu amigo; de forma nenhuma! Porque se todos os vossos mendigos fossem chibateados, não desejara melhor emprego que o de beleguim. Mas, mestre, vou puxar a rede.

(*Sai com o terceiro pescador.*)

**PÉRICLES** · Como vai bem essa alegria honesta com vosso árduo trabalho!

**PRIMEIRO PESCADOR** · Dizei-me uma coisa, senhor: sabeis onde vos encontrais?

**PÉRICLES** · Não com muita exatidão.

**PRIMEIRO PESCADOR** · Então, vo-lo direi: a terra tem o nome de Pentápole, e nosso Rei é o bom Simônides.

**PÉRICLES** · Chamais-lhe o bom Rei Simônides?

**PRIMEIRO PESCADOR** · Perfeitamente, senhor; e ele merece ser chamado dessa maneira, por causa de seu reino pacífico e de seu bom governo.

**PÉRICLES** · É um Rei feliz, porque consegui dos súditos o nome de bom, por seu modo de governar. A que distância desta praia se acha a corte dele?

**PRIMEIRO PESCADOR** · Com a breca, senhor! Meio dia de viagem. E uma coisa vos digo: tem uma filha lindíssima; amanhã é o aniversário dela. De todas as

partes do mundo vieram príncipes e cavaleiros para as justas e torneios que farão em seu louvor.

**PÉRICLES** · Se minha fortuna estivesse na altura dos meus desejos, eu também quisera fazer parte desses torneios.

**PRIMEIRO PESCADOR** · Oh, senhor! As coisas devem ser o que podem ser. É lícito aspirar ao que não se pode alcançar.

*(Voltam o segundo e o terceiro pescador, arrastando uma rede.)*

**SEGUNDO PESCADOR** · Vinde ajudar-nos, mestre! Vinde ajudar-nos! Um peixe enroscou-se na rede, como na lei se enrosca o direito de algum coitado. Ser-lhe-á difícil desembaraçar-se. Com a breca! Conseguiu escapar, para transformar-se numa armadura enferrujada.

**PÉRICLES** · Uma armadura, amigos? Por obséquio, deixai-me vê-la. Muito agradecido.

Fortuna, após tantos trabalhos, tantos, algo me dá que possa refazer-me.

É a minha, justamente! Esta armadura como parte de herança me foi dada

por meu pai, ao morrer, que, nesse instante, me disse expressamente: “Caro Péricles,

guarda-a com zelo, pois me serviu de égide contra os botes da morte”. E após, mostrando-me este braçal: “Salvou-me”, disse; “guarda-o.

Em igual abertura — que te amparem os imortais! — te poderá ser útil.”

Sempre a tinha comigo, tão ligado a ela me via, até que o mar sanhoso,

que não poupa a ninguém, em sua raiva me tomou. Mas tornado mais tranqüilo,

assim ma devolveu. Muito obrigado.

Meu naufrágio não foi tão desastroso: deu-me um presente de meu pai bondoso.

**PRIMEIRO PESCADOR** · Que quereis dizer com isso, senhor?

**PÉRICLES** · Pedir-vos, meus amigos, esta cota de armas, que já serviu de amparo a um Rei.

Reconheço-a por esta marca. Tinha-me muita afeição. Assim, por amor dele

desejo possuí-la. E também peço que me indiqueis como devo ir à corte

de vosso soberano. Assim armado, poderei parecer um gentil-homem.

Caso minha fortuna se levante, hei de saber premiar-vos, declarando-me

devedor vosso até esse fausto dia.

**PRIMEIRO PESCADOR** · Como assim? Pretendes tomar parte no torneio que se vai realizar em honra da princesa?

**PÉRICLES** · Quero mostrar quanto nas armas valho.

**PRIMEIRO PESCADOR** · Então leva a armadura, e que os deuses te ensejem boa sorte.

**SEGUNDO PESCADOR** · Sim, mas atendei-nos, amigo. Fomos nós que trabalhamos estas vestes na rude espuma das águas. Merecemos alguma recompensa. Espero, senhor, que se prosperardes haveis de lembrar-vos como conseguistes obtê-las.

**PÉRICLES** · Sim, ficai certos disso.

Graças a vós, eis-me vestido de aço.

E apesar da pilhagem do naufrágio, esta jóia no braço tenho firme.

Digno de ti, montar ora pretendo num corcel cuja marcha extasiados deixe os espectadores. Mas, amigos, precisaremos arranjar ainda perneiras adequadas.

**SEGUNDO PESCADOR** · Nós providenciaremos a esse respeito. Vou dar-te o meu melhor casaco, para com ele fabricares duas perneiras, e eu mesmo te conduzirei até a corte.

**PÉRICLES** · Que a honra, apenas, prosperar me faça; ou tudo alcanço, ou caio em mor desgraça.

*(Saem.)*

## Ato II · Cena II

*O mesmo. Uma estrada. Uma plataforma que vai dar à liça; perto, um pavilhão para receber o Rei e a princesa, damas, nobres etc.*

*Entram Simônides, Taísa, nobres e séquito.*

**SIMÔNIDES** · Os cavaleiros estão prontos para principiar o torneio?

**PRIMEIRO NOBRE** · Todos prontos, meu soberano; apenas aguardavam vossa chegada para apresentarem-se.

**SIMÔNIDES** ·

Dizei-lhes, pois, que estamos preparados, bem como nossa filha, em cuja data natalícia o torneio vai ser feito.

Şenta-te aqui; qual filha da beleza,  
porque todos te admiram, é certeza.

*(Sai o nobre.)*

TAÍSA · Fazeis, meu caro pai, grande elogio  
para tão fraco mérito e vazio.

SIMÔNIDES ·

Convém que seja assim, porque os monarcas  
feitos são pelo céu à sua imagem.

Como se apaga a jóia, quando oculta,  
a fama, assim, dos reis em nada avulta.

Ora, filha, a honra excelsa vos compete  
de explicar a cada um dos cavaleiros

o que implica a sentença que escolheram.

TAÍSA · Saírei com honra dessa grata empresa.

*(Entra um cavaleiro; atravessa a cena e seu escudeiro  
apresenta à princesa o escudo dele.)*

SIMÔNIDES ·

Quem deu início aos jogos?

TAÍSA · Um guerreiro

de Esparta, meu bom pai, que traz no escudo  
um etíope negro, a olhar o sol.

Sua sentença é: “Lux tua vita mihi”.

SIMÔNIDES · Dedicava-vos amor quem de vós vive.

*(Passa o segundo cavaleiro.)*

Quem é o segundo a apresentar-se?

TAÍSA · É um príncipe

da Macedônia, meu famoso pai;

traz no escudo um armado cavaleiro  
que vencido se viu por uma dama.

Em espanhol é o lema, e deste modo:

“Piu por dulzura que por fuerza”.

*(Passa o terceiro cavaleiro.)*

SIMÔNIDES · E quem é o terceiro?

TAÍSA · Esse é Antíoco;

uma grinalda de cavalaria

traz por emblema e, ao lado, esta sentença:

“Me pompae provexit apex”.

*(Passa o quarto cavaleiro.)*

SIMÔNIDES · E o quarto?

TAÍSA · Esse uma tocha incandescente  
traz, invertida, e embaixo esta sentença:

“Quod me alit me extinguit”.

SIMÔNIDES · Assim, mostra os extremos da beleza,  
que lhe dá vida e o mata com fereza.

*(Passa o quinto cavaleiro.)*

TAÍSA · O quinto a mão nas nuvens traz envolta,  
com ouro já provado pelo toque,  
e esta sentença: “Sic spectanda fides”.

*(Passa Péricles, o sexto cavaleiro.)*

SIMÔNIDES ·

E quem será o sexto e também o último?

O escudo é apresentado pelo próprio  
cavaleiro com graça e cortesia.

TAÍSA · Estrangeiro parece; seu emblema  
é um ramo seco mas com ponta verde;  
e o moto: “In hac spe vivo”.

SIMÔNIDES · Bela sentença. Na desesperada  
situação em que se acha, ainda espera  
que por vós reflorêsca sua sorte.

PRIMEIRO NOBRE · Necessidade tem de que seus atos  
o recomendem mais do que a aparência,  
porque seu exterior, enferrujado,  
diz que ele mais afeito ao uso se acha  
do açoite que da lança.

SEGUNDO NOBRE · Com certeza  
deve ser estrangeiro, por ter vindo  
participar de um pleito de tal monta  
com tão estranhas armas.

TERCEIRO NOBRE · Enferrujar deixou sua armadura,  
para areá-la nesta pugna dura.

SIMÔNIDES · Não podemos julgar pessoa alguma  
pela maneira, só, por que se arruma.

Mas, ouvi: vêm chegando os cavaleiros.

Retiremo-nos para a galeria.

*(Saem. Gritos e aclamações ‘Viva o cavaleiro pobre!’)*

## Ato II · Cena III

*O mesmo. Uma sala do palácio; um banquete preparado.  
Entram Simônides, Taísa, o marechal, senhores, damas da  
corte, nobres, os cavaleiros de volta do torneio e criados.*

SIMÔNIDES · Cavaleiros,  
supérfluo fora dar-vos boas-vindas.

No volume dos vossos altos feitos,  
como no frontispício, pôr o mérito  
que alcançastes nas armas, deixa longe  
quanto esperar podíeis e o que fora  
razoável neste instante, pois o mérito  
se recomenda apenas por si próprio.

Ficai, portanto, alegres, que a alegria vai bem em toda festa. Sois meus hóspedes, e príncipes sois todos.

**TAÍSA** · Mas meu hóspede sois e meu cavaleiro, a quem entrego a lança da vitória e vos corôo Rei deste grande dia só de júbilo.

**PÉRICLES** · Pôde mais a fortuna que meu mérito.

**SIMÔNIDES** · Como quiserdes; hoje o dia é vosso, o que, penso, ninguém vo-lo contesta.

Quando a arte faz artistas concorrentes, uns saem bons, mas outros excelentes.

Sois seu aluno predileto. Vinde, minha filha; a Rainha sois da festa — sim, sois isso — assentai-vos neste ponto.

Acomodai os outros, marechal, conforme a ordem deles, natural.

**CAVALEIROS** · Honra muita nos dá o bom Simônides.

**SIMÔNIDES** ·

Dai-nos prazer. Quem a honra menospreza conservá-la não pode nunca ilesa.

**MARECHAL** · Senhor, vosso lugar.

**PÉRICLES** · Outro seria mais digno dele.

**PRIMEIRO CAVALEIRO** · Nada de objeções, caro senhor, pois somos gentis-homens que nem nos corações nem na atitude inveja revelamos ou algo rude.

**PÉRICLES** · Sois cavaleiros muito delicados.

**SIMÔNIDES** · Assentei-vos, senhor, em vosso posto.

**PÉRICLES** · Por Júpiter, o Rei dos pensamentos, comer não posso sem que pense nela.

**TAÍSA** (*à parte*) · Por Juno, que preside aos matrimônios,

tudo o que eu como me parece insípido; só ele me apetece. É um gentil-homem mui galante, sem dúvida.

**SIMÔNIDES** · Não passa de um gentil-homem rústico; fez tanto como qualquer dos nossos cavaleiros: quebrou uma ou duas lanças. Mas deixemo-lo.

**TAÍSA** · Para mim faz o efeito de um diamante posto junto de vidros.

**PÉRICLES** · A figura me evoca de meu pai o soberano, fazendo-me lembrada a glória dele.

Sempre junto do trono tinha príncipes, outras tantas estrelas, que homenagem, como ao sol, lhe prestavam. Todos quantos o viam, astros de menor grandeza, a coroa inclinavam ante a sua supremacia. Agora o filho dele brilha nas trevas como o vaga-lume, sem ter luz própria; ofusca-o qualquer lume. Soberano dos homens, vejo-o, é o tempo.

De todos é criador e sepultura, tudo lhes dá ou tira; nada dura.

**SIMÔNIDES** · Então, estais alegres, cavaleiros?

**PRIMEIRO CAVALEIRO** ·

Em vossa real presença, não pudéramos de outro modo mostrar-nos.

**SIMÔNIDES** · Nesta taça cheia até a borda — sejam vossos brindes como de apaixonados, sempre à altura de uns lábios tentadores — à saúde de todos vós bebemos.

**CAVALEIROS** · Obrigados a Vossa Graça todos ora estamos.

**SIMÔNIDES** · Mas paremos um pouco.

Aquele cavaleiro não revela muita alegria, como se os festejos de nossa corte não mostrassem nada digno de seu valor. Não o reparaste, Taísa?

**TAÍSA** · Isso, meu pai, a mim que importa?

**SIMÔNIDES** · Filha, escuta-me: os príncipes da terra devem ser como os deuses, que dispensam a mancheias seus dons a todos quantos honrá-los vêm.

Quem assim não procede é qual mosquito; depois de morto é apenas esquisito. Por isso sê para ele mais amável; vai dizer-lhe que um brinde pretendemos fazer em louvor dele.

**TAÍSA** · Oh meu bom pai! não fica bem mostrar-me tão ousada diante de um cavaleiro de outras terras. Poderá tomar tudo como ofensa. De nós mulheres, mal sempre o homem pensa.

**SIMÔNIDES** · Como!

Fazei o que vos digo, ou me aborreço.

**TAÍSA** (*à parte*) · Oh! pelos deuses! Não me poderia dizer nada mais grato.

**SIMÔNIDES** · Desejamos,  
dizei-lhe, saber algo a seu respeito.  
de que país ele é, como se chama,  
e o nome da família.

**TAÍSA** · O Rei, meu pai,  
fez um brinde, senhor, em honra vossa.

**PÉRICLES** · Muito obrigado lhe fico eu por isso.

**TAÍSA** · Fazendo votos para que esse vinho  
vos vivifique o sangue.

**PÉRICLES** · Agradecido  
vos sou e a ele, e penhorado fico.

**TAÍSA** · E mais: saber deseja algo a respeito  
de vós: terra de origem, país e nome.

**PÉRICLES** · Um gentil-homem sou de Tiro; chamo-me  
Pérides; eduquei-me tão-somente  
nas artes e nas armas. Procurando  
pelo mundo aventuras, de meus homens  
me vi privado e dos velozes barcos,  
tendo, após naufragar, sido jogado  
nas terras deste lado.

**TAÍSA** · A Vossa Graça  
ele agradece. Pérides se chama;  
de Tiro um gentil-homem, que, privado,  
por trabalhos do mar, dos companheiros  
e de seus barcos, foi lançado à praia  
de nosso território.

**SIMÔNIDES** · Pelos deuses!  
seu infortúnio me comove. Encontro-me  
disposto a minorar quanto possível  
sua melancolia. Cavalheiros,  
vamos! Deixemos de frivolidades.  
Perdemos horas que de nós reclamam  
novo divertimento. Embora armados,  
como estais, não vai mal com as armaduras

uma dança guerreira. Não me objetem  
que a música vibrante é muito rude  
para o ouvido das damas, que é certeza  
gostarem todas de seus namorados  
nas armas e nos leitos afogados.

*(Os cavaleiros dançam.)*

Bem sugerido e executado a ponto.

Vinde, senhor;  
esta dama precisa de exercício  
também. Ouvi dizer que os cavaleiros  
de Tiro são peritos em fazerem  
voltar as damas e que suas danças  
são todas excelentes.

**PÉRICLES** · É verdade;  
são-no nas danças em que se exercitam.

**SIMÔNIDES** · Oh! expressais-vos como se quisésseis  
ver recusada vossa cortesia.

*(Os cavaleiros e as damas dançam.)*

Separai-vos! Já basta. Agradecido,  
cavaleiros, a todos me declaro.

Todos dançaram bem. *(A Pérides.)* O mais ligeiro,  
porém, sois vós. — Pajem! trazei archotes  
e conduzi os cavaleiros para  
os respectivos quartos. Vós, amigo,  
determinamos que fiquéis num quarto  
perto do nosso.

**PÉRICLES** · Estou inteiramente  
submisso ao bom prazer de Vossa Graça.  
Príncipes, já é tarde em demasia  
para falar de amor, que é a mira, sei-o  
perfeitamente, a que visáveis todos.  
Descansai todos no macio leito,  
porque amanhã fiquéis com melhor jeito.

*(Saem.)*

## Ato II · Cena IV

*Tiro. Um quarto na casa do governador.  
Entram Helicano e Escanes.*

**HELICANO** · Não, Escanes; declaro-o com voz clara  
que Antíoco no incesto se atolara.  
Por isso os altos deuses não quiseram  
retardar por mais tempo o merecido  
castigo para crime tão odioso.  
Quando no auge se achava de sua glória,  
no maior esplendor, sentado numa

carruagem de alto preço, a filha ao lado,  
partiu do céu um fogo e a repelentes  
postas os corpos de ambos reduziu.  
Tão mau cheiro exalavam, que as pessoas  
que em vida os adoravam, sem tristura  
se negaram a dar-lhes sepultura.  
**ESCANES** · Caso estranho, realmente.  
**HELICANO** · Porém justo;  
embora um Rei tivesse sido grande,  
do céu não se esquivou sua grandeza,

vindo ele a castigar tanta vileza.

ESCANES · É muito certo.

*(Entram dois ou três nobres.)*

PRIMEIRO NOBRE ·

Ninguém mais é admitido em conferência  
com ele ou em seu conselho.

SEGUNDO NOBRE · Por mais tempo  
não poderemos admitir tal coisa  
sem uma repreensão.

TERCEIRO NOBRE · Seja maldito  
quem não nos ajudar.

PRIMEIRO NOBRE · Então, segui-me.  
Meu senhor Helicano, uma palavra.

HELICANO · Comigo? Sois bem-vindo. Feliz dia,  
meus senhores.

PRIMEIRO NOBRE · Então ficai sabendo  
que nossas queixas atingiram o auge  
e suas margens a inundar começam.

HELICANO · Vossas queixas? De quê? Que isso não  
venha ofender vosso príncipe querido.

PRIMEIRO NOBRE ·

Não o ofendais, então, nobre Helicano.  
Se o príncipe está vivo, arranjai meio  
de o saudarmos, ou então nomeai a terra  
que ele deixa ditosa com seu hálito.

Se no mundo estiver, iremos vê-lo;  
se repousa no túmulo, haveremos  
de achá-lo lá. Estamos decididos:  
vivo, há de governar-nos; morto estando,  
dar-nos-á causa para que o choremos,  
ao mesmo tempo que nos deixa livres  
para nova eleição.

SEGUNDO NOBRE · A morte dele,  
pensamos, é a hipótese mais certa.

Assim, considerando que este reino,  
privado da cabeça, é como casa  
destelhada, que logo se arruína,  
é a vós mesmo, senhor, que revelastes  
no governo tamanha habilidade,  
que delegamos toda a autoridade.

TODOS · Viva o nobre Helicano!

HELICANO · Parai com essa aclamação! Parai,  
em nome da honra! Se afeição ao príncipe  
Péricles ainda tendes, parai nisso.

Se eu concordasse, a um mar me jogaria  
de dores longas, sem ter paz um dia.  
Doze meses ainda, é o que vos peço,  
a ausência suportai do soberano.

Se, expirado esse prazo, não tivermos  
notícias dele, com paciência idosa  
suportarei o jugo que me impondes.  
Mas, se não for possível essa prova  
dardes-me de afeição, como pessoas  
da nobreza e vassalos muito nobres,  
empregai vosso gosto de aventuras  
a procurar o príncipe. Encontrando-o,  
se a voltar conseguirdes convencê-lo,  
sereis como diamantes colocados  
em torno da coroa.

PRIMEIRO NOBRE · É um grande néscio  
quem a sabedoria não acata.

Já que lorde Helicano nos concita  
a emprender essa viagem, vamos logo  
concretizar a idéia.

HELICANO · Desse modo,  
nosso afeto provamos mutuamente;  
isso é que deixa o reino resistente.

*(Saem.)*

## Ato II · Cena V

*Pentápole. Um quarto no palácio.*

*Entra Simônides, lendo uma carta. Os cavaleiros vêm ao seu encontro.*

PRIMEIRO CAVALEIRO ·

Bom dia ao bom Simônides.

SIMÔNIDES · Cavaleiros, declaro-vos da parte  
de minha filha que ela decidida  
se acha a não se casar dentro de um ano.

Só ela sabe as causas desse voto;  
nada pude saber da parte dela.

SEGUNDO CAVALEIRO ·

Senhor, não poderíamos falar-lhe?

SIMÔNIDES ·

Não, de jeito nenhum. De tal maneira  
se confina no quarto, que é impossível.  
Durante doze meses a libréia  
vai ela usar de Diana. Assim, pelo olho



de Cíntia ela fez voto, e decidida  
se acha pela própria honra a não quebrá-lo.

TERCEIRO CAVALEIRO ·

Embora isso nos pese, despedimo-nos.

(*Saem.*)

SIMÔNIDES · Assim,

ei-los devidamente despachados.

Agora, a carta dela. Minha filha

me diz aqui que desposar pretende

o cavaleiro estranho, ou para sempre

da vista se privar da luz do dia.

Muito bem, senhorita. Vossa escolha

coincide com a minha. Isso me agrada.

E como é decidida! Não cogita

de saber se me agrada ou não a escolha.

Bem, concordo com ela. Não desejo

de modo algum procrastinar o caso.

Mas, silêncio! Ei-lo aí. Dissimulemos.

(*Entra Péricles.*)

PÉRICLES · Muita ventura para o bom Simônides!

SIMÔNIDES · A vós também, senhor. Estive ouvindo

durante a noite vossa doce música.

Afirmo-vos que nunca tive o ouvido

tão bem acalentado com uma toada

de tal modo agradável.

PÉRICLES · Esse encômio

me vem de Vossa Graça, não do mérito

que nisso eu possa ter.

SIMÔNIDES · Senhor, em música

sois mestre consumado.

PÉRICLES · Dos alunos

o pior, meu bom senhor.

SIMÔNIDES · Uma só coisa

deixai-me perguntar: de minha filha

que pensais?

PÉRICLES · Que é princesa mui virtuosa.

SIMÔNIDES · É formosa?

PÉRICLES · É qual dia de verão:

é admiravelmente bela.

SIMÔNIDES · Minha

filha, senhor, de vós faz bom conceito,

a ponto de querer ser vossa aluna;

lições tereis de dar-lhe. Cuidai disso.

PÉRICLES · Não sou digno de ser professor dela.

SIMÔNIDES · Não é assim que ela pensa; senão, lede

quanto há neste papel.

PÉRICLES (*à parte*) · Que vejo!

Declara ter amor ao cavaleiro

de Tiro. É alguma astúcia do monarca

para tirar-me a vida. (*Alto.*) Oh meu gracioso

senhor! não procureis armar cilada

para apanhar um cavaleiro estranho

e infeliz, que jamais o ousio teve

de ao amor aspirar de vossa filha,

limitando-se só, tão-só a honrá-la.

SIMÔNIDES · Enfeitiçaste minha filha e provas

com isso que és um biltre.

PÉRICLES · Pelos deuses,

não fiz tal coisa; nunca, em pensamento,

lhe fiz ofensa; nem um só momento

procurei, por meus atos, despertar-lhe

a afeição ou vosso ódio.

SIMÔNIDES · Estás mentindo,

traidor!

PÉRICLES · Como! Traidor?

SIMÔNIDES · Perfeitamente.

PÉRICLES · Tirante o Rei, eu devolvera pela

goela abaixo esse nome a quem mo desse.

SIMÔNIDES (*à parte*) ·

Pelos deuses! Aplaudo-lhe a coragem.

PÉRICLES · Minhas ações, sabe, meus pensamentos,

origem baixa nunca revelaram.

À vossa corte vim por amor de honra,

não para rebelar-me contra o Estado.

E a quem de mim pensar de outra maneira

vai minha espada responder ligeira.

SIMÔNIDES · Sim?

Aí vem minha filha. Quanto eu disse

poderá ser por ela confirmado.

(*Entra Taísa.*)

PÉRICLES · Vós que sois tão virtuosa quanto bela,

acalmai vosso pai. Vinde dizer-lhe

se vos fez minha língua em qualquer tempo,

se minha mão vos escreveu alguma

declaração de amor.

TAÍSA · Mesmo que houvésseis,

senhor, feito isso, quem se ofenderia

com o que me deixa alegre?

SIMÔNIDES · Então, senhora,

sois assim peremptória? (*À parte.*) Estou contente;

de coração o digo. (*Alto.*) Vou domar-vos;

reconduzir-vos vou à submissão.

Ousastes, sem falar-me previamente,

conceder vosso afeto a um estrangeiro? (*À parte.*)

Que, por tudo o que sei, nem o contrário poderia supor, é de tão nobre sangue quanto eu. (*Alto.*) Assim, minha senhora, ou à minha submeteis vossa vontade... E vós, senhor, ouvi-me: ou doravante sereis guiado por mim, ou farei de ambos... marido e mulher. Vamos! que as mãos e os lábios selem o ato. Ora vou castigar-vos a ousadia. Eis a pena: que Deus vos dê alegria. Então, ficais contente?

TAÍSA · Sim, no caso de me amardes, senhor.  
PÉRICLES · Amo-vos tanto quanto ama a vida o sangue que a alimenta.  
SIMÔNIDES · Estais, então, de acordo?  
TAÍSA E PÉRICLES · Se do gosto for de Vossa Grandeza.  
SIMÔNIDES · De tal modo me apraz levar tudo isto a bom efeito, que já podeis ir procurar o leito.

(*Saem.*)

## Ato III

*Entra Glower.*

Agora o sono a turba doma.  
Em toda a casa o único idioma é o do roncar, mais barulhento pelo festim do casamento.  
O gato de olho estreito e longo à espreita está do camundongo; no forno o grilo alegre canta; dessa maneira a sede espanta. Casados foram por vontade. À custa de uma virgindade se forma um ser. Muita atenção, porque possais o tempo vão suprir com vossa fantasia. Vou completar com alegria com minha frase em tudo prima o que faltar na pantomima.

Pantomima

*Entram, por um lado, Péricles e Simônides, com séquito. Um mensageiro vem ao encontro deles, ajoelha-se e entrega a Péricles uma carta. Péricles a mostra a Simônides; os nobres se ajoelham diante de Péricles. Depois entra Taísa, grávida, e Licórida. Simônides mostra a carta à filha; esta manifesta alegria. Taísa e Péricles se despedem do Rei e todos se retiram.*

Por muita gente, com cuidado,  
Péricles era procurado.  
Nos quatro cantos deste mundo ninguém parava um só segundo.  
Em tudo põem diligência.  
Despesas houve, em conseqüência,

de grande vulto. Em toda parte foi procurado com muita arte. De Tiro alfim chegou a notícia — que a Fama tem sua milícia — ao Rei Simônides preclaro de conteúdo alegre e raro: o Rei Antíoco e sua filha mortos estão. Tiro fervilha: querem seus homens que Helicano dela se torne o soberano. Este recusa. A multidão sobre ele faz maior pressão. “Péricles”, disse, “se em seis luas não regressar às terras suas, obediente à intenção boa aceitarei dele a coroa”. Essa notícia, divulgada, deixa Pentápole agitada. “O herdeiro nosso, presuntivo, é Rei. Que esplêndido incentivo!” Em suma, tem de ir para Tiro. Grávida, a esposa seu retiro deixa contente e se declara — quem tal pedido recusara? — pronta a ir com ele. O mais omito, gemidos e ais do passo aflito. Licórida, a ama, vai com ela; fazem-se, assim, todos à vela. No dorso oscila netunino o frágil barco e pequenino. Meio caminho a fina quilha

cortara já, de milha em milha.  
 Mas outra vez muda a Fortuna;  
 o furo norte inoportuna  
 borrasca envia; e qual mergulha  
 o pato na água, assim, com bulha,  
 o pobre barco é sacudido.  
 Chora a Rainha — que alarido! —  
 e de pavor o parto apressa.  
 O mais vos há de nossa peça

contar direito. Eu, nada digo,  
 pois é da praxe um belo artigo  
 só relatar o necessário.  
 Assim, criai belo cenário  
 na fantasia: um barco, a proa;  
 Péricles nela, ele em pessoa,  
 anda a correr de mar em mar,  
 e ora começa a vos falar.

(Sai.)

## Ato III • Cena I

*Entra Péricles, na coberta de um navio.*

PÉRICLES • Oh deus desta desolação! reprime  
 tuas ondas que o céu e o inferno banham!  
 E tu, que tens império sobre os ventos,  
 aprisiona-os no bronze, após os teres  
 invocado do abismo. Impõe silêncio  
 a teus terríveis e ensurdecedorés  
 trovões, apaga docemente tuas  
 chamas sulfúreas e ágeis. Oh Licórida!  
 Minha Rainha como vai passando?  
 Oh tempestade, és só veneno! Queres  
 transformar-te em saliva de ti própria?  
 O apito do marujo é qual cochicho  
 que à morte se dissesse; não é ouvido.  
 Licórida! Oh Lucina, padroeira  
 divinal e parteira caridosa  
 das mulheres que à noite choram dores!  
 Traze tua deidade para o nosso  
 barco oscilante e as dores abrevia  
 de minha nobre esposa!

*(Entra Licórida, com uma criança nos braços.)*

Então, Licórida!

LICÓRIDA • Eis aqui uma criatura muito nova  
 para um lugar como este. Se tivesse  
 acaso entendimento, morreria  
 como eu, decerto. Recebi nos braços  
 o que resta de vossa esposa morta.

PÉRICLES • Como, como, Licórida!

LICÓRIDA • Paciência;  
 deixai de reforçar a tempestade,  
 meu bom senhor. Aqui se encontra quanto  
 resta de vossa esposa: uma filhinha.  
 Por amor dela, sede corajoso;

mostrai-vos homem.

PÉRICLES • Deuses, por que causa  
 fazeis que amemos vossos dons esplêndidos,  
 e deles nos privais no mesmo instante?

Nós aqui embaixo nunca retomamos  
 o que damos. Com isso superiores  
 nos mostramos, convosco comparados.

LICÓRIDA • Por este fardo, meu senhor, paciência.

PÉRICLES • Possas ter vida calma, pois nunca houve  
 criança de nascimento mais inquieto.

Amansa e aquieta tua natureza,  
 pois tiveste as mais rudes boas-vindas  
 que jamais teve a filha de um monarca.

Tenhas feliz futuro; nascimento  
 tão bulhento tiveste como o fogo,  
 a água, o ar, a terra e o céu, reunidos,

não poderiam dar-te para ao mundo  
 comunicar o fato. Tua perda,  
 logo de início, é grande em demasia

para que tua vinda a compensasse  
 com tudo quanto achasses cá no mundo.

Que o olhar ameno os deuses bons te lancem.

*(Entram dois marinheiros.)*

PRIMEIRO MARINHEIRO • Onde está vossa  
 coragem, senhor? Deus vos salve.

PÉRICLES • Coragem não me falta; já não tenho  
 medo da tempestade; fez-me tudo  
 quanto de pior podia. No entretanto,  
 pelo amor desta pobre criancinha,  
 deste marujo que nasceu agora,  
 quisera que passasse.

PRIMEIRO MARINHEIRO • Oh tu, aí! Solta as  
 bolinas. Estás entendendo? Estás entendendo? Que  
 sopra até arrebentar.

**SEGUNDO MARINHEIRO** · Havendo espaço, pouco se me dá que a espuma e as ondas escuras vão beijar a lua.

**PRIMEIRO MARINHEIRO** · Senhor, é preciso que a Rainha seja jogada ao mar. As águas sobem muito; o vento está furioso, e só se acalmará quando o navio ficar desembaraçado da morta.

**PÉRICLES** · Isso é superstição de vossa parte.

**PRIMEIRO MARINHEIRO** · Perdoai-nos, senhor; mas isso é um costume que sempre observamos no mar. Por isso, entregai-nos o corpo, para que seja logo lançado ao mar.

**PÉRICLES** · Fazei como julgardes mais de acordo. Oh! infeliz Rainha!

**LICÓRIDA** · Aqui está ela.

**PÉRICLES** · Tiveste um parto horrível, cara esposa; sem luz, sem fogo. Os brutos elementos se esqueceram de ti. Tempo não tenho de te depor no túmulo, de acordo com os ritos sacros, sendo necessário que, apenas posta no caixão, te jogue nas ondas, onde, em vez de um monumento e de lâmpadas sempre e sempre acesas, pese a baleia vomitante e as águas barulhentas em teu delgado corpo, que entre as simples conchinhas vai quedar-se.

Oh Licórida, manda que me traga Nestor depressa drogas aromáticas, tinta, papel, meu elmo e minhas jóias. O cofre de cetim traga Nicandro. Depõe a criança sobre o travesseiro. Põe pressa em tudo, enquanto um religioso adeus eu digo ao corpo. Vai, mulher!

(*Sai Licórida.*)

**SEGUNDO MARINHEIRO** · Senhor, embaixo das escotilhas nós temos uma caixa betuminada e calafetada.

**PÉRICLES** · Muito obrigado. Dize-me, marinheiro, que costa é essa?

**SEGUNDO MARINHEIRO** · Estamos perto de Tarso.

**PÉRICLES** · Rumemos para lá, gentil marujo; muda a rota de Tiro. Em quanto tempo calculas que podemos alcançá-la?

**SEGUNDO MARINHEIRO** · Ao cair do dia, se o vento cessar.

**PÉRICLES** · Oh! para Tarso logo!

Visitarei Cleão, porque a criança não agüentará a viagem para Tiro.

Lá a entregarei a gente caridosa.

Prossegue teu caminho, bom marujo; vou entregar-te o corpo neste instante.

(*Saem.*)

## Ato III · Cena II

*Éfeso. Um quarto em casa de Cerimão.*

*Entram Cerimão, um criado e várias pessoas escapadas do naufrágio.*

**CERIMÃO** · Olá, Filemão!

(*Entra Filemão.*)

**FILEMÃO** · O senhor me chamou?

**CERIMÃO** · Providencia comida e fogo para estes coitados.

Que noite turbulenta e tempestuosa!

**CRiado** · Muitas já vi, porém até hoje nunca suportei uma noite como a de ontem.

**CERIMÃO** · Antes de retornardes, vosso mestre já estará morto. Nada pode agora salvá-lo, do que só ser aplicado

à natureza humana. (*A Filemão.*) Ao boticário entrega isto e lhe explica como atua.

(*Saem todos, com exceção de Cerimão.*)

(*Entram dois gentis-homens.*)

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM** · Bom dia, meu senhor.

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM** · Muito bom dia a Vossa Senhoria.

**CERIMÃO** · Por que de pé tão cedo, cavalheiros?

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM** · Senhor, estando nossa casa mais que todas pendente sobre o mar, foi abalada como por um tremor de terra. Tínhamos a impressão de que as vigas mais possantes iam partir-se e desabar a casa.

O medo e a inquietação nos fez deixá-la.

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·**

Esse é o motivo, pois, de incomodar-vos assim tão cedo; não foi nosso zelo.

**CERIMÃO ·** Tendes muita razão.

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·** Porém admiro-me de que Vossa Grandeza, que de um leito dispõe tão confortável, já tão cedo o áureo repouso tenha afugentado.

É muito estranho

que saia alguém em busca de trabalhos, sem ser a isso forçado.

**CERIMÃO ·** Pensei sempre que a virtude e o saber eram mais dignas dádivas do que os títulos e as pompas.

Herdeiros negligentes a estes últimos poderão muito bem deixar manchados

ou gastá-los sem tino; mas aqueles sempre à imortalidade estão ligados,

que dos homens faz deuses. É sabido que sempre me apliquei à medicina.

Havendo-me iniciado nos segredos dessa arte, pelo trato com as mais altas autoridades e constante prática,

fiz que se tornassem familiares e úteis as propriedades abençoadas

que se acham nos metais, plantas e pedras.

Assim, me acho apto para referir-me às desordens que ocorrem na natura

e aos meios de curá-las, encontrando maior satisfação e mais legítimo

deleite nisso do que nas caçadas das vãs e vacilantes honrarias

ou em sacos de seda meus tesouros acumular, para agradar apenas

ao idiota que há em mim, bem como à morte.

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·**

Em Éfeso Vossa Honra já tem vossa caridade espalhado, e grande número

de pessoas se dizem, com justiça,

vossas criaturas, por haverem sido

salvas por vós. Não só vossos esforços, não só o saber, porém a própria bolsa

sempre a todos aberta, asseguraram ao senhor Cerimão tão alto nome

que o tempo nunca poderá apagá-lo.

*(Entram dois criados, carregando uma caixa.)*

**PRIMEIRO CRIADO ·**

Deixai-a aí.

**CERIMÃO ·** Que é que há?

**PRIMEIRO CRIADO ·**

Neste momento,

senhor, o mar lançou em nossas praias esta caixa; provém de algum naufrágio.

**CERIMÃO ·** Deponde-a aí. Vejamos o conteúdo.

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·**

Parece um caixão fúnebre, senhor.

**CERIMÃO ·** Seja o que for, é por demais pesado. Sem demora torcemos-lhe a abertura.

Se o mar tem ouro por demais no estômago, foi por uma feliz pressão da sorte

que o lançou sobre nós.

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·** É muito certo, senhor.

**CERIMÃO ·** E como está calafetado!

Foi o mar que o lançou em nossa praia?

**PRIMEIRO CRIADO ·**

Tão grande onda, senhor, jamais eu vira, como a que o transportava.

**CERIMÃO ·** Então tratemos de abrir à força a tampa. Mais de espaço!

Que perfume esquisito estou sentindo!

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·**

Um delicado odor.

**CERIMÃO ·** Tão delicado

como esse nunca me atingiu o olfato.

Vamos, abri! Oh deuses poderosos!

Que é isto? Um corpo humano!

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·** É surpreendente!

**CERIMÃO ·** Envolvido em mortalha de alto preço!

E com sacos de espécies aromáticas!

E um passaporte! Apolo me conceda

as letras decifrar-lhe.

“Por este faço saber,

se à terra o cofre for ter,

que Péricles a consorte

perdeu; foi presa da morte.

Quem a achar a enterre asinha,

pois foi princesa e Rainha.

Ficará com todo este ouro.

Deus lhe acrescente o tesouro.

Péricles, se viveres, tens o açoite

no próprio coração. Foi nesta noite.”

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·**

Senhor, é o que parece.

**CERIMÃO ·**

Sim, sem dúvida.

Vede que ar de frescura ela apresenta.

Que dureza, atirá-la assim nas ondas!

Façamos fogo perto; ide buscar-me  
todas as caixas que no quarto eu tenho.

*(Sai o segundo criado.)*

Pode usurpar a morte muitas horas  
da natureza, mas da vida o fogo  
pode animar de novo o oprimido espírito.  
De um egípcio já soube que ficara  
como morto nove horas e que à vida  
retomou com recursos oportunos.

*(Volta o criado trazendo caixas, lenços e lume.)*

Muito bem! muito bem! Panos e fogo.

Fazei soar a rude e melancólica  
música muito nossa; por obséquio,  
mais uma vez a viola. Não te mexes?  
Que pedaço de paul! Música, aí!  
Por obséquio, dai-lhe ar. Esta Rainha,  
senhores,

vai reviver. Desperta a natureza;  
dela o calor se exala. Seu letargo  
não tem cinco horas ainda. Vede como  
já começa a se abrir na flor da vida.

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM** ·

Os céus por vosso meio nosso espanto  
fazem crescer e vossa fama deixam  
segura para sempre.

**CERIMÃO** · Ela está viva.

Vede-lhe as pálpebras — precioso escrínio  
da jóia que perdida foi por Péricles —  
as franjas de ouro a separar começam.  
Os dois diamantes da água mais preciosa  
já vêm deixar o mundo duas vezes  
mais rico do que dantes. Vive e faze-nos  
chorar à narrativa de teu fado,  
bela criatura e, ao parecer, tão rara!

*(Taísa se mexe.)*

**TAÍSA** · Oh Diana querida, onde me encontro?

Meu marido onde está? Que mundo é este?

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM** · Não é estranho?

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM** · Oh muito, muito raro!

**CERIMÃO** · Quietos, gentis vizinhos. Ajudai-me;  
vamos levá-la para o quarto próximo.

Arranjai pano; faz-se necessário  
o máximo cuidado; a recaída  
poderá ser fatal. Vamos, com jeito.  
Esculápio nos guie.

*(Saem, carregando Taísa.)*

## Ato III · Cena III

*Tarso. Um quarto em casa de Cleão.*

*Entram Péricles, Cleão, Dionisa e Licórida, que traz  
Marina nos braços.*

**PÉRICLES** · Meu muito honrado Cleão, é necessário  
que eu parta. Os doze meses de meu prazo  
já passaram, vivendo Tiro agora  
numa paz litigiosa. Juntamente  
com vossa nobre esposa recebi  
meus mais sinceros agradecimentos.

O mais vos pagarão os próprios deuses.

**CLEÃO** · Os golpes do infortúnio que por modo  
tão terrível vos tocam, de passagem  
nos atingem também.

**DIONISA** · Oh! vossa esposa!

Não ter querido o rigoroso fado  
que ela até aqui chegasse, para os olhos  
com sua vista abençoar-nos!

**PÉRICLES** · Acatamos  
os poderes de cima, tão-somente.

Mesmo que como o mar em que ela se acha  
sepultada eu bramisse e me enfuriasse,  
seria sempre o mesmo. Eis minha filha  
Marina, mui querida. Por ter vindo  
no mar à luz, assim lhe pus o nome.  
À vossa gentileza a recomendo,  
como filha deixando-vos de vossa  
solicitude. Peço-vos instante  
que lhe deis principesca educação,  
porque suas maneiras sejam dignas  
do berço em que nasceu.

**CLEÃO** · Nada receeis,  
meu senhor. Vossa Graça, que com trigo  
sustentou meu país — razão de ainda  
receberdes as bênçãos de meu povo —  
será sempre lembrado em vossa filha.

O corpo coletivo, por vós salvo,  
a cumprir o dever me forçaria.  
Mas se de estimulante precisasse  
para tal coisa minha natureza,

que me punam os deuses e a meus filhos severamente, até a extinção de todos.

**PÉRICLES** · Creio no que dizeis; vossa bondade, vossa honra isso me ensinam sem protestos.

Até, senhor, o casamento dela — pela radiosa Diana a quem honramos —

estes cabelos não serão tocados pela tesoura, embora isso redunde em vitupério meu. Assim, despeço-me.

Deixai-me, boa dama, venturoso, com educardes bem a minha filha.

**DIONISA** · Tenho uma filha, meu senhor, que, certo, não me será mais cara do que a vossa.

**PÉRICLES** · Meus agradecimentos, boa dama, e minhas rogativas.

**CLEÃO** · Levaremos até a beira da praia Vossa Graça; depois vos damos a Netuno calmo e aos ventos celestiais de mais doçura.

**PÉRICLES** · Vou aceitar vosso oferecimento. Vinde, cara senhora. Oh! por que lágrimas, Licórida? Por quê?

Cuidai de vossa pequenina dona.

Agora dependeis de sua graça.

Vamos, senhor.

(*Saem.*)

## Ato III · Cena IV

*Éfeso. Um quarto em casa de Cerimão.*

*Entram Cerimão e Taísa.*

**CERIMÃO** · Esta carta, senhora, e algumas jóias no cofre, ao vosso lado, se encontravam.

Pertencem-vos. E a letra, conheci-la?

**TAÍSA** · Sim, é de meu marido.

Recordo-me de que me achava a bordo,

na véspera do parto. Se lá mesmo dei à luz, pelos deuses consagrados,

não saberei dizê-lo. Porém desde que o Rei Péricles, meu senhor legítimo não tornarei a ver, vestir pretendo

librêia de vestal e para sempre renunciar à alegria.

**CERIMÃO** · Se, de fato, minha senhora, pretendeis avante levar essa intenção, aqui bem perto fica o templo de Diana, onde morada podereis ter, enquanto viva fordes. Uma sobrinha minha, se quizerdes, vos acompanhará para servir-vos.

(*Saem.*)

**TAÍSA** · Só gratidão vos dou; nada mais digo; nada mais para dar trago comigo.

(*Saem.*)

## Ato IV

*Entra Gower*

Péricles volta para o Estado;

Tiro lhe chama o Rei amado.

Ficou em Éfeso a Rainha, levando vida bem mesquinha.

Imaginal ora Marina

que nossa cena pequenina coloca em Tarso, onde educada foi por Cleão como uma fada.

Como letrada e musicista, da educação toda a conquista ela alcançou. Toda a cidade a adora como a uma deidade.

Mas, oh tristeza! a inveja escura, que da excelência jamais cura, visa com a faca da traição da bela criança o coração. Tem nosso Cleão uma donzela já bem crescida e nada bela, que pronta está neste momento para ser dada em casamento. Essa donzela — Filotena — assim a história nos acena, queria estar junto a Marina, já sempre que esta a seda fina fiava no tear — vero deleite — com dedos longos e de leite,

já quando a sua agulha afiada  
punha a cambraia abençoada  
de tanto furo, já quando amiúde  
ela cantava no alaúde,  
deixando o triste passarinho  
mudo e cativo no seu ninho,  
já, ainda, quando celebrava  
no verso Diana e sua aljava.  
Queria em tudo Filotena  
rivalizar no tear, na avena,  
com a princesa incomparável,  
como se o corvo detestável  
pudesse em Pafo a meiga pomba  
vencer talvez — pleito de arromba! —  
Ganha orações Marina bela;  
dívida pagam-lhe singela,  
não é louvor. Isso escurece  
de Filotena a parca messe.

De Cleão a esposa, assim, prepara  
faca assassina — inveja rara! —  
porque com um crime desigual  
ficasse a filha sem rival.  
Dando reforço ao plano seu  
Licórida, a ama, faleceu.  
Dionisa, a fera amaldiçoada,  
já tem a faca preparada.  
Vai já brandi-la. O mais entrego  
ao vosso juízo nada cego.  
Somente o tempo, hoje como antes,  
em minhas rimas claudicantes  
farei correr, se em minha ajuda  
a fantasia vier aguda  
de todos vós. Ora Leonino —  
pois esse é o nome do assassino —  
vereis ao lado de Dionisa,  
a preparar a trama invisá.

(Sai.)

## Ato IV · Cena I

*Tarso. Uma praça perto da praia.  
Entram Dionisa e Leonino.*

**DIONISA** · Lembra o juramento; prometeste  
que havias de cumpri-lo. É um golpe, apenas,  
e ninguém ficará sabendo disso.

Nunca acharias uma ação tão fácil  
como essa, que te desse tanto lucro.

Não deixes que a consciência sempre fria,  
no peito a simpatia te acendendo,  
te inflame a indecisão, nem que a piedade,  
de que as próprias mulheres se libertam,  
a amolecer-te venha. Não; soldado  
torna-te de teu plano.

**LEONINO** · Adiante vou levá-lo; mas criatura  
bondosa ela é, sem dúvida.

**DIONISA** · Mais própria,  
portanto, para conviver com os deuses.  
Ela aí vem, chorando a morte da ama.

Dize: estás decidido?

**LEONINO** · Decidido.

*(Entra Marina, com um cesto de flores.)*

**MARINA** · De Telo vou tirar ora os enfeites,  
para juncar de flores o teu leito.

As flores amarelas, azuladas,  
os crisantos, as púrpuras violetas  
virão atapetar-te a sepultura  
nestes dias de estio. Oh! triste fado  
por sorte me tocou. A luz primeira  
vi numa tempestade em que privada  
de minha mãe fiquei. Qual permanente  
furação é este mundo, que me arrasta  
para longe dos meus.

**DIONISA** · Então, Marina,  
por que andais sempre só? Qual o motivo  
de minha filha não estar convosco?  
Não altereis o sangue com tristezas.  
Em mim tendes outra ama. Mas, que vejo,  
Senhor! Como alterado o rosto tendes  
por essa dor estéril! Vamos, vamos!  
dai-me essas flores, para que não venham  
a ficar murchas pela ação do mar.  
Ide dar um passeio com Leonino.

O ar aqui é fino e muito penetrante;  
estimula o apetite. Pelo braço  
toma-a, Leonino; vai passear com ela.

**MARINA** · Não, por obséquio;  
não vos quero privar de vosso criado.



**DIONISA** · Vamos, vamos; dedico-vos e ao Rei, vosso pai, mais afeto que uma estranha.

Esperamo-lo a todos os momentos.

Quando ele retornar e achar tão murcha

nossa obra-prima, que só de elogios

era alvo até há momentos, as canseiras

lastimará da viagem tão comprida,

sem deixar de censura dirigir-nos,

a mim e a meu marido, por não termos

de vós cuidado como nos cumpria.

Ide passear; voltai a ser alegre,

vos peço; conservai vossa aparência

graciosa, que os olhares atraía

de moços e de velhos. Para casa

voltarei só; ficai sobre isso calma.

**MARINA** · Pois bem, irei; mas é contra a vontade.

**DIONISA** · Ide; sei que isso vos será saudável.

Leonino, debes passear uma hora,

pelo menos, com ela. Não te esqueças

de tudo quanto eu disse.

**LEONINO** · Sim, senhora;

ficai tranqüila.

**DIONISA** · Vou deixar-vos, minha

querida dama, por alguns momentos.

Andai devagarzinho, para o sangue

não ficar muito quente. Oh! eu preciso

zelar por vossa vida.

**MARINA** · Boa dama,

meus agradecimentos.

(*Sai Dionisa.*)

É do oeste

o vento que sentimos?

**LEONINO** · Sul-oeste.

**MARINA** · Quando eu nasci, soprava o vento norte.

**LEONINO** ·

Ah! Sim?

**MARINA** · Meu pai, como a ama me contava,

não tinha medo, e “Bravo, meus rapazes!”

gritava aos marinheiros, estragando

suas reais mãos com o repuxar das cordas.

Seguro num dos mastros, um embate

ele agüentou do mar, que quase a tolda

do barco arrebentou.

**LEONINO** · Quando foi isso?

**MARINA** · Quando eu nasci.

Nunca houve ondas e ventos mais furiosos.

Cuspido longe foi um marinheiro,

que na escada de cordas se agarrara.

“Já vais saindo?” grita um dos marujos.

Todos saltam com muita habilidade,

de popa à proa. Apita o contra-mestre,

o patrão chama, a confusão triplica.

**LEONINO** · Vamos; dizei as vossas orações.

**MARINA** · Que me dizeis com isso?

**LEONINO** ·

Se quiserdes

um prazo curto, posso conceder-vo-lo.

Mas não sejais maçante, porque os deuses

o ouvido têm afiado e juramento

eu fiz de realizar depressa o caso.

**MARINA** · Ides matar-me?

**LEONINO** ·

Sim, para à senhora

satisfazer.

**MARINA** · Por que ela me quer morta?

Por minha fé, jamais — até onde posso

recordar-me — lhe fiz qualquer ofensa.

Nunca pronunciei palavra feia,

nem a nenhuma criatura viva

prejuízo occasionei. Acreditai-me:

nunca matei um rato, nenhum dano

fiz a uma mosca, e quando acontecia,

sem o querer, matar um vermezinho,

chorava o meu descuido. Em que a ofendi?

Minha morte em que pode aproveitar-lhe,

ou minha vida constituir perigo

para que ela de mim tenha receio?

**LEONINO** · Fui incumbido de fazer a coisa,

não de raciocinar a seu respeito.

**MARINA** · Sei que não a fareis, por todo o mundo.

Sois de boa aparência; pelos olhos

vejo que tendes coração bondoso.

Há pouco tempo vi que vos feristes

mui gravemente, ao apartar a briga

de dois homens sanhosos. Foi bonito

de vossa parte, posso assegurar-vos.

Fazei o mesmo agora; ficai entre

mim e ela e me salvai, que sou a mais fraca.

**LEONINO** · Jurei e tenho de fazer a coisa.

(*Enquanto Marina se debate, entram piratas.*)

**PRIMEIRO PIRATA** · Detém-te, biltre!

(*Leonino foge.*)

**SEGUNDO PIRATA** · Uma presa! Uma presa!

**TERCEIRO PIRATA** · Meia parte, camarada; meia parte.

(*Saem os piratas, levando Marina.*)

(*Volta Leonino.*)

**LEONINO** · Esses ladrões são homens do famoso pirata Valdes. Podem carregá-la.  
Esperança não há de que ela volte.  
Vou jurar que a matei e, após, o corpo joguei ao mar. Mas vou certificar-me.

Quem sabe se depois de se saciarem,  
a deixam, sem levá-la para bordo.  
Nesse caso, a que houver sido violada,  
por mim será, de pronto, assassinada.

(*Sai.*)

## Ato IV · Cena II

*Mitilene. Um quarto no bordel.*

*Entram o alcoviteiro, a alcoviteira e Boul.*

**ALCOVITEIRO** · Boul!

**BOULT** · Senhor?

**ALCOVITEIRO** · Vai fazer uma pesquisa em regra no mercado. Mitilene está cheia de galantes. Perdemos muito dinheiro nesta estação, por falta de moças.

**ALCOVITEIRA** · Nunca estivemos com tanta falta de gente. Presentemente só temos três coitadas, que não podem fazer mais do que fazem, e que pelo efeito do trabalho incessante, valem tanto como se estivessem podres.

**ALCOVITEIRO** · Daí a necessidade de arranjarmos gente fresca, por mais caro que tenhamos de pagar. Quem não desempenha sua profissão com consciência, nunca poderá ir para diante.

**ALCOVITEIRA** · Tens razão; não é criando uns pobres bastardos, como eu, que, segundo penso, vi crescerem mais ou menos uns doze...

**BOULT** · Sim, até aos onze anos, para depois soltá-los. Mas, afinal: terei de passar uma revista no mercado?

**ALCOVITEIRA** · Que mais nos resta, homem, senão isso mesmo? A mercadoria que temos, um vento forte a deixará em pedaços, tão lamentavelmente estragada está toda ela.

**ALCOVITEIRO** · Só fálais a verdade; são muito insalubres, em consciência. O pobre Transilvaniano que se deitava com a pequena michela já morreu.

**BOULT** · Sim, ela o enganou à maravilha: fez dele um assado para os vermes. Mas vou já percorrer o mercado.

(*Sai.*)

**ALCOVITEIRO** · Três ou quatro mil sequins perfariam uma bela quantia, que me permitiria viver tranqüilo e deixar de trabalhar.

**ALCOVITEIRA** · Por que deixar de trabalhar, por obséquio? É vergonha trabalhar, quando se está velho?

**ALCOVITEIRO** · Oh! A consideração não nos vem na proporção do lucro, nem este na proporção do risco. Assim, se, enquanto somos moços, pudermos juntar algum peculiozinho, não ficará mal passarmos a tranca na porta. Além do mais, a situação melindrosa que criamos perante os deuses, é mais uma razão para abandonarmos esta vida.

**ALCOVITEIRA** · Ora, há muita gente que peca tanto quanto nós.

**ALCOVITEIRO** · Tanto quanto nós? Sim, e gente melhor. Mas nosso pecado é maior. Nossa profissão nem é ofício regular: não é carreira. Mas aí vem vindo Boul.

(*Volta Boul com os piratas e Marina.*)

**BOULT** · Avançai. Então, mestres: dissestes que ela é virgem?

**PRIMEIRO PIRATA** · Oh, senhor! não o duvidamos.

**BOULT** · Mestre, tive que fazer uma oferta grande, para segurar a peça que estais vendo. Se vos agradardes dela, bem; caso contrário, perco a minha comissão.

**ALCOVITEIRA** · Boul, ela tem qualidades?

**BOULT** · É de fisionomia agradável, fala bem e possui bonitos vestidos: tem todas as qualidades para não ser recusada.

**ALCOVITEIRA** · E qual é o preço, Boul?

**BOULT** · Não abato um ceitel de mil escudos.

**ALCOVITEIRO** · Bem, mestres; acompanhai-me. Recebeis neste momento vosso dinheiro. Mulher, leva-a para dentro; instruí-a sobre o que ela tem de fazer, para que não se mostre desajeitada no desempenho da profissão.

(*Saem o alcoviteiro e os piratas.*)

**ALCOVITEIRA** · Boul, tomai nota de suas características, a cor dos cabelos, da cute, altura, idade, com a indicação de que é virgem. Depois, proclamai: "Quem pagar mais, será o primeiro a deitar-se com ela!" Uma virgem com essa aparência

não custará pouco dinheiro, se os homens continuarem sendo o que sempre foram. Fazei tudo de acordo com minhas determinações.

**BOULT** · Tudo será feito no mais curto prazo possível.

(*Sai.*)

**MARINA** · Ai! por que foi Leonino tão moroso, tão hesitante? Sem falar, devia ter dado o golpe; ou então, por que os piratas, bem pouco bárbaros, aliás, às ondas não me jogaram, para que à procura de minha mãe eu fosse?

**ALCOVITEIRA** · Por que vos estais lamentando, minha bela?

**MARINA** · Por ser dotada de beleza.

**ALCOVITEIRA** · Ora, foram os deuses que vos fizeram assim.

**MARINA** · Não os acuso por isso.

**ALCOVITEIRA** · Agora cáistes em minhas mãos, e aqui tereis de viver.

**MARINA** · Tanto pior, então, por escapado haver das mãos que haviam de me ter dado a morte.

**ALCOVITEIRA** · Ireis ter uma vida de prazeres.

**MARINA** · Não.

**ALCOVITEIRA** · Sim, por minha fé, e ficareis conhecendo gentis-homens de todas as espécies. Haveis de dar-vos bem; ficareis conhecendo todos os temperamentos. Como! Tapais os ouvidos?

**MARINA** · Sois mulher?

**ALCOVITEIRA** · A não ser mulher, que quereríeis que eu fosse?

**MARINA** · A não ser mulher honesta, não devíeis ser mulher.

**ALCOVITEIRA** · Com a breca, estais precisando de chicote; já estou vendo que ireis dar-me trabalho. Vamos, não passais de uma plantazinha tola, que precisa ser dobrada a meu talante.

**MARINA** · Que os deuses me protejam.

**ALCOVITEIRA** · Se for do agrado dos deuses que sejas protegida pelos homens, não faltarão homens para vos consolar, homens para vos alimentar e homens para vos sacudir; Boulton já está de volta.

(*Volta Boulton.*)

Então, senhor, já a proclamastes pelo mercado?

**BOULT** · Proclamei até os cabelos dela; fiz-lhe o retrato de viva voz.

**ALCOVITEIRA** · E dize-me, por obséquio: como achaste a disposição das pessoas, principalmente a dos moços?

**BOULT** · Por minha fé, ouviram minhas palavras como se estivessem escutando a leitura do testamento paterno. A um espanhol cresceu tanto a água na boca, que só com minha descrição foi deitar-se na cama.

**ALCOVITEIRA** · Amanhã havemos de vê-lo por aqui, com sua melhor golilha.

**BOULT** · Hoje à noite! Hoje à noite! Mas, senhora, não conheceis aquele francês que anda arrastando os quartos?

**ALCOVITEIRA** · Quem? Monsieur Veroles?

**BOULT** · Ele mesmo. Depois de minha proclamação, tentou fazer uma cabriola, mas soltou um gemido a essa tentativa, e jurou que amanhã haveria de vê-la.

**ALCOVITEIRA** · Bem, bem: quanto a ele, trouxe-nos suas doenças; não virá fazer outra coisa, senão renová-las. Tenho certeza de que virá procurar nossa sombra para fazer brilhar ao sol suas coroas.

**BOULT** · Bem; se de cada nação nos viesse um freguês, a todos alojaríamos só com esta figura.

**ALCOVITEIRA** (*a Marina.*) · Por obséquio, vinde para mais perto. Prestai toda a atenção: é preciso dardes a impressão de fazerdes com repulsa o que executais de grado, de desprezar o lucro onde tendes mais a ganhar. Lastimai a vida que leveis, que isso despertará a compaixão dos amantes; mui raramente essa compaixão deixará de levá-los a fazer um bom conceito de vós, e de redundar esse conceito em lucro material.

**MARINA** · Não compreendo o que quereis dizer com isso.

**BOULT** · Oh! Levai-a para dentro, senhora! Levai-a para dentro! A prática lhe fará perder esse rubor.

**ALCOVITEIRA** · Falas com acerto, por minha fé; é isso mesmo que precisamos fazer. As próprias nubentes não vão sem mostras de acanhamento, para onde podem ir legitimamente.

**BOULT** · É certo; algumas assim procedem; outras, não. Mas, senhora, se fui eu que negociei esta posta de carne...

**ALCOVITEIRA** · Terás licença de tirar do espeto o teu pedaço.

**BOULT** · Terei mesmo?

**ALCOVITEIRA** · Quem te negará esse direito?

Vamos, mocinha; agrada-me o talho de vosso vestido.

**BOULT** · Sim, por minha fé; não deverá ser alterado em nada.

**ALCOVITEIRA** · Boul, espalha pela cidade a notícia; anuncia que espécie de pensionista adquirimos; não perdereis nada de vossos direitos. Quando a natureza formou esta peça, tencionava beneficiar-te. Por isso, trata de propalar que maravilha temos aqui em casa, que hás de fazer a colheita do que tu mesmo anunciares.

**BOULT** · Posso assegurar-vos, senhora, que o trovão não é mais pronto para despertar as enguias do que a descrição que eu fizer da beleza dela para estimular os libertinos. Esta noite não deixarei de trazer algum freguês.

**ALCOVITEIRA** · Vamos, vinde comigo.

**MARINA** · Se houver fogo, água funda ou faca afiada, minha pureza ficará guardada.

Diana, ajuda-me o plano!

**ALCOVITEIRA** · Que temos nós com Diana? Vamos! Não quereis vir?

(*Saem*)

## Ato IV · Cena III

*Tarso. Um quarto em casa de Cleão.*

*Entram Cleão e Dionisa.*

**DIONISA** · Estais, acaso, louco? Poder-se-ia desfazer o que está de todo feito?

**CLEÃO** · Oh Dionisa, uma cena tão monstruosa nem o sol nem a lua jamais viram.

**DIONISA** · Penso que ides voltar a ser criança.

**CLEÃO** · Se eu fosse dono deste vasto mundo, dá-lo-ia de presente, para este ato

deixar como não feito. Um ser que mostra

nobreza igual de sangue e de cultura,

uma pessoa a toda luz tão digna

ante a imparcial justiça, da coroa

mais preciosa da terra! ... Oh miserável

Leonino, que tu própria envenenaste!

Se bebido tivesses naquela hora

na mesma taça que ele, esse teu gesto

de cortesia te coroara a obra.

Que pretendes dizer ao nobre Pércles,

quando ele contas vier pedir da filha?

**DIONISA** · Direi que ela morreu, ora essa! As amas

o destino não são, para por meio

de cuidados manter alguém com vida

por tempo indefinido. Foi à noite;

direi, que ela morreu. Quem me viria

desmentir? Salvo, apenas, se quisesses

o papel assumir do idiota ingênuo

que almeja honesta paga, e lhe gritasses:

“Morta foi à traição!”

**CLEÃO** · Oh! continua!

Dos crimes cometidos sob a vista do céu, este é o mais bárbaro.

**DIONISA** · Do número sois, talvez, dos que pensam que as carriças de Tarso irão correndo para a Pércles contar o que passou. Sinto vergonha quando penso na muito nobre raça de que provindes e que tendes alma a esse ponto covarde.

**CLEÃO** · Quem a um crime tão horroroso desse, já não digo consentimento, mas simples anuência, de honrado tronco não teria vindo.

**DIONISA** · Que seja assim. Mas ninguém mais, exceto vós, tão-somente, sabe de que modo veio ela a perecer, nem ninguém nunca — morto Leonino — poderá sabê-lo.

Ela humilhava nossa filha, pondo-se entre esta e seu destino. Não havia quem visse Filotena; todos tinham os olhos fixos em Marina, apenas, enquanto nossa filha, desprezada, era tratada como um trapo, indigna até de um cumprimento. Transpassado sentia o coração; e, muito embora, por não terdes amor a vossa filha, possais dizer que eu fui desnaturada, considero meu ato um meritório serviço feito a vossa única filha.

**CLEÃO** · Os céus que te perdoem.

DIONISA ·

quanto a Péricles,  
que poderá dizer? Sobre o átaúde  
dela choramos e ainda pomos luto;  
seu mausoléu quase acabado se acha,  
e uma inscrição em caracteres de ouro  
faz o elogio dela e é testemunho  
do nosso zelo, a cuja expensa é feito.

Quanto a Péricles,

CLEÃO · És como a harpia que, com rosto de anjo,  
cai sobre a presa, para segurá-la  
com suas garras de águia.

DIONISA · És como os ímpios que contra as deidades  
blasfemam porque as moscas mata o inverno;  
mas a mim serás sempre subalterno.

*(Saem.)*

## Ato IV · Cena IV

*Diante do túmulo de Marina, em Tarso.  
Entra Gower.*

Assim o tempo usamos e mesquinhas  
distâncias — léguas longas — em casquinhas  
de nozes navegamos, pois nos basta  
desejar para ter e vossa vasta  
fantasia ocupar, e, como o vento,  
passar de praia a praia, num momento.  
Com vossa permissão, não cometemos  
crime nenhum, falando nos extremos  
da terra uma só língua, pelos vários  
países em que os múltiplos cenários  
de nossa peça adquirem vida nova.  
Sendo assim, vos suplico, ponde à prova  
meus préstimos, já que eu, com tal vagar,  
a vossa frente surjo a doutrinar,  
e deixar que prossiga no meu conto.  
Péricles, com seus homens sempre a ponto,  
corta o mar bravo para uma visita  
fazer à filha, sua grande dita.  
Vai o velho Helicano ao lado dele,  
bom ancião que ele alçara a grande estado,  
na direção do reino sublimado.  
Velaş bojudas e propício vento  
o Rei em Tarso põem. O pensamento  
por piloto emprestai-lhe e, sem reserva,  
navegareis com ele de conserva,  
para ir buscar a filha que, distante  
de Tarso, está numa existência errante.  
Como sombras os vede; nada parvos  
os ouvidos e os olhos vou deixar-vos.

Pantomima

*Entra, por uma porta, Péricles com seu séquito; por outra,  
Cleão e Dionisa. Cleão mostra a Péricles o túmulo de*

*Marina, depois do quê Péricles se lamenta, reveste um cilício  
e parte com mostras de grande dor. Saem Cleão e Dionisa.*

Quanto pode a maldade! Esta emoção  
falsa abala até o fundo o coração.  
Péricles, pela dor acabrunhado,  
o nobre rosto em lágrimas banhado,  
deixa Tarso e se embarca novamente.  
Juramento fez ele mui patente  
de não lavar o rosto nem a bela  
cabeleira ajeitar; mas fez-se à vela  
levando o seu cilício. Tempestade  
terrível enfrentou, que a pouquidade  
de seu mortal batel deixou em tiras.  
Mas conseguiu fugir do mar às iras.  
E ora ouvi a leitura do epitáfio  
que de Marina está no cenotáfio,  
obra da má Dionisa.

*(Lê a inscrição do túmulo de Marina.)*

ORA SE ENCONTRA NA SEPULTURA  
QUEM VIDA TEVE CÂNDIDA E PURA.  
ERA NASCIDA DO REI DE TIRO;  
MAS A CRUEL MORTE, NEGRO VAMPIRO,  
A LEVOU PRESTES. AO VIR MARINA —  
ESSE ERA O NOME DESSA MENINA —  
AO MUNDO, TÉTIS, MUITO ORGULHOSA,  
INVADE PARTE DA TERRA AIROSA.  
ESTA, TEMENDO SER INUNDADA,  
PARA O CÉU MANDA LOGO A AFILHADA;  
POR ISSO AS ONDAS COM TAL ALTURA  
ORA SE ATIRAM NA ROCHA DURA.  
O melhor gesto e o mais loução  
da falsidade é a adulação.  
Deixemos Péricles pensando  
que não tem filha, que o comando

da vida dele ora a Fortuna  
já tem nas mãos. Mais oportuna  
é a cena agora da desdita

da pobre moça e tão bonita.  
Tende paciência, e a Mitilene  
vos transportai com ar solene.

(Sai.)

## Ato IV · Cena V

*Mitilene. Uma rua defronte do bordel.  
Dois gentis-homens saem do bordel.*

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM** · Já ouvistes falar em coisa assim?

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM** · Não, nem nunca mais tornarei a ouvir, num lugar como este, uma vez que ela vá embora.

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM** · Ouvir um sermão num lugar como este! Já sonhaste, alguma vez com semelhante coisa?

**SEGUNDO GENTIL-HOMEM** · Não, não. Vamos; já não sou homem de bordel. Vamos ouvir as vestais cantar?

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM** · De agora em diante farei tudo o que for virtuoso, deixando para sempre a estrada da perdição.

(Saem.)

## Ato IV · Cena VI

*O mesmo. Um quarto no bordel.  
Entram o alcoviteiro, a alcoviteira e Boul.*

**ALCOVITEIRO** · Sim, quisera, por dois tantos do que ela possa valer, que nunca tivesse posto os pés aqui.

**ALCOVITEIRA** · A peste que a carregue! Ela seria capaz de gelar o deus Príapo, de reduzir a nada uma geração inteira. Precisamos fazer com que seja violada ou desembaraçar-nos dela. Em lugar de fazer o que deve com os clientes e de mostrar as habilidades de nossa profissão, sai-nos com sutilezas, com suas razões, suas razões de mestre, preces e genuflexões. Seria capaz de fazer do diabo um puritano, se ele se propusesse a comprar um beijo dela.

**BOULT** · Por minha fé, é preciso que eu a desonre, antes que ela nos faça perder todos os cavalheiros, ou deixe podres todos os nossos blasfemadores.

**ALCOVITEIRO** · Que a bexiga me caia sobre a sua palidez.

**ALCOVITEIRA** · Em verdade, para nos vermos livres dela, não encontro outro meio, a não ser mesmo a bexiga. Aí vem vindo o senhor Lisímaco, disfarçado.

**BOULT** · Poderíamos ter em nossa casa senhores e criados, se essa michela teimosa não oferecesse resistência aos nossos fregueses.

(Entra Lisímaco.)

**LISÍMACO** · Então? A como está a dúzia de virgindades?

**ALCOVITEIRA** · Que os deuses abençoem Vossa Honra.

**BOULT** · Alegro-me ver Vossa Honra com saúde.

**LISÍMACO** · Podeis alegrar-vos, porque é melhor mesmo para vós que vossos habituados andem com pernas sadias. Então, insalubre Iniquidade, tendes aquilo com que um homem possa ocupar-se, desafiando o cirurgião?

**ALCOVITEIRA** · Temos uma aqui, senhor... Se ela quisesse... Mas nunca houve outra como ela em Mitilene.

**LISÍMACO** · Quereis dizer, no caso de dispor-se ela a praticar o ato das trevas.

**ALCOVITEIRA** · Vossa Honra sabe perfeitamente o que quero dizer com isso.

**LISÍMACO** · Está bem; chama-a aqui; chama-a aqui.

**BOULT** · Pela carne e pelo sangue, meu senhor; pelo vermelho e pelo branco, ides ver uma rosa. E é o que ela seria, em verdade, se tivesse...

**LISÍMACO** · Quê, por obséquio?

**BOULT** · Oh, senhor! Sei ser modesto.

**LISÍMACO** · A modéstia dignifica o nome de alcoviteiro, como confere a muitas marafonas a fama de castidade.

(Sai Boul.)

**ALCOVITEIRA** · Ei-la, que nos chega, erecta em sua própria haste, e ainda não colhida, posso assegurar-vos.

(*Volta Boulton com Marina.*)

Não é uma linda criatura?

**LISÍMACO** · Por minha fé; serviria muito bem depois de uma longa viagem por mar. Bem, isto é para vós; deixai-nos sós.

**ALCOVITEIRA** · Conjuro a Vossa Honra que me desculpe; mas, uma palavrinha apenas, e terei concluído.

**LISÍMACO** · Falai, então, por obséquio.

**ALCOVITEIRA** (*a Marina*) · Em primeiro lugar, desejo que noteis que ele é um homem honrado.

**MARINA** · Desejo encontrá-lo assim, para anotá-lo condignamente.

**ALCOVITEIRA** · Depois, é o governador deste país, e pessoa a quem devo muitas obrigações.

**MARINA** · Se ele governa o país, deveis-lhe, realmente, muitas obrigações; mas quanto ele possa ser honrado, não saberei dizê-lo.

**ALCOVITEIRA** · Por obséquio, sem maiores resistências virginais: pretendeis tratá-lo gentilmente? Ele encherá de ouro vosso avental.

**MARINA** · O que ele me fizer graciosamente, receberei com reconhecimento.

**LISÍMACO** · Já terminastes?

**ALCOVITEIRA** · Senhor, ela ainda não entrou no passo. Tereis de ter algum trabalho para dirigi-la a vosso gosto. Vamos, deixemos Sua Honra e ela sozinhos.

**LISÍMACO** · Ide vosso caminho.

(*Saem o alcoviteiro, a alcoviteira e Boulton.*)

Então, minha beleza, há quanto tempo exercéis esta profissão?

**MARINA** · Que profissão, senhor?

**LISÍMACO** · Ora, não posso nomeá-la sem vos ofender.

**MARINA** · Por obséquio, dizei-me qual seja ela.

**LISÍMACO** · Há quanto tempo estais nesta profissão?

**MARINA** · Desde quando tenho o uso da memória.

**LISÍMACO** · Começastes assim tão cedo? Já éreis uma dissoluta aos cinco e aos sete anos?

**MARINA** · Até antes, senhor, se é que sou o que dissestes.

**LISÍMACO** · Ora, a casa em que residis proclama que sois uma criatura que se vende.

**MARINA** · Conheceis que espécie de casa é esta e a procurais? Ouvi dizer que sois uma pessoa de caráter e governador deste país.

**LISÍMACO** · Como! Vossa superiora vos revelou minha identidade?

**MARINA** · Quem é minha superiora?

**LISÍMACO** · Ora, vossa hortaliçeira, aquela que semeia o opróbrio e planta a iniquidade. Oh! oh! Ouvistes falar de minha influência e vos mostrais arredia, para vos deixar conquistar com mais dificuldade. Mas posso assegurar-te, belezinha, que minha autoridade só terá para ti olhares de amizade. Vamos, vamos, leva-me para qualquer quarto particular. Vamos, vamos!

**MARINA** · Se sois honrado, revelai-o agora.

Se essa reputação vos foi imposta, justificai a opinião de quantos vos julgam digno dela.

**LISÍMACO** · Como assim? Como assim? Prossegui moralizando mais um pouco.

**MARINA** · Quanto a mim, que sou virgem, embora a dura sorte me houvesse colocado neste alcouce, onde vejo venderem-se as doenças mais caro que a saúde...

Oh! se as deidades me tirassem logo deste lugar sacrílego, ainda mesmo que fosse para me mudar no pássaro mais humilde que voa no ar sereno!

**LISÍMACO** · Jamais imaginara que pudesses falar tão bem. Jamais nem mesmo em sonhos.

Se eu houvesse trazido um pensamento corrompido, tê-lo-ias alterado.

Este ouro é para ti. Vai; persevera nesse caminho luminoso e possas fortificar-te os deuses.

**MARINA** · Que as bondosas deidades vos amparem.

**LISÍMACO** · No que me diz respeito, ficai certa de que não vim com intenções maldosas, pois até as portas e as janelas desta casa têm para mim da infâmia o cheiro. Adeus; és um modelo de virtude.

Não tenho dúvida de que tivesses tido uma educação em tudo nobre.

Toma; aqui tens mais ouro. Que maldito seja e venha a morrer como um bandido

quem te privar de tua castidade.  
Se a ouvir falar de mim ainda vieres,  
será para o teu bem.

*(Volta Boul.*)

**BOULT** · Suplico a Vossa Senhoria uma peça para mim.

**LISÍMACO** · Fora daqui, porteiro amaldiçoado!  
Vossa casa, a não ser por esta virgem  
que é seu esteio, há muito já teria  
desabado, a vós todos enterrado.

*(Sai.)*

**BOULT** · Como é isso? Será preciso tomar outra  
orientação a vosso respeito. Se vossa castidade  
impertinente, que não vale um almoço no lugar mais  
barato que possa haver embaixo do céu, tiver de  
arruinar toda esta casa, que eu fique castrado como  
um perdigueiro. Vinde comigo.

**MARINA** · Que pretendes de mim?

**BOULT** · Tomar-vos a jóia que tendes em tão grande  
apreço.

**MARINA** · Para onde quereis levar-me?

**BOULT** · Preciso arrancar vossa virgindade, ou o  
carrasco terá de fazer isso. Vinde comigo. Não  
deixaremos que os gentis-homens sejam corridos  
daqui dessa maneira. Vinde comigo, estou dizendo.

*(Volta a alcoviteira.)*

**ALCOVITEIRA** · Então, que aconteceu?

**BOULT** · De mal para pior, senhora; ela só disse  
palavras piedosas para o senhor Lisímaco.

**ALCOVITEIRA** · Oh! abominável!

**BOULT** · Ela deixa nossa profissão, por assim dizer,  
infecta diante dos deuses.

**ALCOVITEIRA** · Peste! Que seja enforcada para  
sempre.

**BOULT** · O fidalgo deveria tê-la tratado como  
fidalgo; ela porém o despediu tão frio como uma  
bola de neve, e, ainda por cima, a dizer as suas  
orações.

**ALCOVITEIRA** · Boul, leva-a daqui e faz com  
ela o que bem entenderes; quebra o vidro de sua  
virgindade e deixa o resto maleável.

**BOULT** · Ainda mesmo que ela fosse um terreno com  
mais espinhos do que ela própria tem, há de ficar  
bem arada.

**MARINA** · Escutai, escutai, oh deuses!

**ALCOVITEIRA** · Está fazendo conjuros. Leva-a logo  
daqui. Antes ela nunca tivesse pisado em minha

casa. Que a peste vos enforque! Ela nasceu para  
nos arruinar. Não quereis andar pelo caminho das  
mulheres? Ora, vejam só! Um prato de castidade  
enfeitado com rosmaninho e louro!

*(Sai.)*

**BOULT** · Vamos, senhora; vinde comigo.

**MARINA** · Que pretendes de mim?

**BOULT** · Tomar-vos a jóia que tendes em tão grande  
apreço.

**MARINA** · Primeiro dize-me uma coisa, por  
obséquio.

**BOULT** · Que venha essa coisa.

**MARINA** · Que desejarias que teu inimigo fosse?

**BOULT** · Ora, desejaria que fosse meu amo, ou  
melhor, minha patroa.

**MARINA** · Nenhum dos dois te alcança em ruindade;  
sobre ti tendo o mando, são melhores.

Ocupas um lugar que o mais sofrido  
demônio pelo seu não trocaria,  
nos tormentos do inferno, sem desdouro.

És o maldito introdutor de todos  
os biltres que aqui vêm buscar mulheres.

Tens as orelhas ao sabor dos murros  
de qualquer tipo à-toa; até teus próprios  
alimentos parecem vomitados  
por goelas putrefeitas.

**BOULT** · Que queréis que eu fizesse? Ir para a  
guerra, não é assim? onde a gente pode servir  
durante sete anos, para vir a perder uma perna e não  
ter, no fim, nem o dinheiro suficiente para comprar  
uma de pau?

**MARINA** · Faze seja o que for, tirante o que ora  
tens por ocupação. Tira a espurcícia  
dos velhos receptáculos, ou mesmo  
dos esgotos da rua; teus serviços  
contrata com o carrasco. Qualquer desses  
ofícios é muito melhor do que este.

Pois tua profissão, se um babuíno  
falar pudesse, achara indigna dele.

Oh! se os deuses pudessem retirar-me  
sã e salva daqui!

Toma dinheiro. Se quiser teu amo  
ganhar alguma coisa à minha custa,  
anuncia que eu sei bordar, coser,  
cantar, dançar, e prendas outras tenho  
que por modéstia calo. Prontifico-me  
a ensinar isso tudo. Não duvido



que uma cidade assim tão populosa não apresente muitos aprendizes.

**BOULT** · Mas é certo mesmo que podeis ensinar tudo isso que dissestes?

**MARINA** · Se o contrário provares, reconduze-me para cá e entrega-me à criatura mais vil dentre os freqüentadores desta casa.

**BOULT** · Bem; vou ver o que posso fazer por ti. Se puder arranjar-te uma colocação, não deixarei de fazê-lo.

**MARINA** · Mas que seja entre mulheres honestas.  
**BOULT** · Por minha fé, minhas relações por esse lado não são lá muito grandes. Mas, visto terdes sido comprada pelo patrão e pela patroa, nada poderei fazer sem o consentimento deles. Por isso, vou comunicar-lhes vossas intenções, não duvidando que se mostrarão bastante conversáveis. Vamos, farei por ti o que puder. Vinde comigo.

(*Saem.*)

## Ato V

*Entra Gower.*

Desta arte do bordel saiu Marina  
e encontrou gente honesta, diz a história,  
Cantar sabe e dançar — como é divina! —  
como uma deusa em toda a sua glória.  
Confunde os sábios, e nos seus bordados  
as formas reproduz da natureza;  
pássaros, flores, frutos encarnados  
aos naturais irmana com leveza.  
Alunos não lhe faltam de alto porte,  
que pagam regamente. Toda a renda  
para o bordel envia — triste sorte! —

Mas voltemos ao pai sem mais contenda,  
que deixamos no mar. A tempestade  
o atirou para a terra — oh maravilha! —  
em que ele vai achar, já na cidade,  
quem por perdida tem, a própria filha.  
A âncora ali soltou. A festa anual  
de Netuno a cidade comemora.  
Vê Lisímaco a vela em funeral  
e vai ao seu encontro sem demora.  
Novamente aguça a fantasia.  
Péricles vede, triste e reclinado.  
Tudo o mais que na história se desfia  
ireis ouvir e ver com muito agrado.

(*Sai.*)

## Ato V · Cena I

*A bordo do navio de Péricles, à vista de Mitilene. Uma tenda sobre o tombadilho, fechada por uma cortina, dentro da qual está Péricles reclinado numa espreguiçadeira. Ao lado do barco tírio vê-se um escaler.  
Entram dois marinheiros, sendo um do navio tírio, e outro do escaler; Helicano aproxima-se deles.*

**MARINHEIRO TÍRIO** (*ao marinheiro de Mitilene*) ·  
O senhor Helicano por onde anda?  
Ele é que pode responder-vos. Ei-lo,  
felizmente. Senhor, de Mitilene  
chegou um escaler que traz Lisímaco,  
governador da terra, que deseja  
ser recebido a bordo. Que mandais?  
**HELICANO** · O que ele desejar. Fazei que subam

alguns dos nossos nobres.

**MARINHEIRO TÍRIO** · Cavalheiros,  
chama-vos o senhor!

(*Entram dois ou três gentis-homens.*)

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM** · Chamou-nos Vossa  
Senhoria?

**HELICANO** · Há alguém ali, senhores,  
de posição que quer vir para bordo.  
Peço-vos recebei-o cortesmente.

(*Os gentis-homens descem do navio para o escaler. Sobem para bordo Lisímaco, nobres, os gentis-homens e os dois marinheiros.*)

**MARINHEIRO TÍRIO** ·

Senhor, aqui está o homem que resposta  
saberá dar a tudo o que quiserdes.

LISÍMACO ·

Salve, venerando senhor! Que os deuses todos vos amparem.

HELICANO · O mesmo vos desejo, senhor, porque tendes vida mais longa do que eu, vindo a morrer como desejo.

LISÍMACO · Que bela saudação! Na praia estando, nos festejos em honra de Netuno, vi este belo barco aproximar-se de nossas praias e ora aqui me encontro para saber de que país viestes.

HELICANO · Em primeiro lugar, que função tendes?

LISÍMACO · Sou o governador desta cidade.

HELICANO · Senhor, nosso barco é de Tiro e traz o Rei, um homem que há três meses não conversa com ninguém e só come alguma coisa porque prolongar possa o sofrimento.

LISÍMACO · E a razão de se achar tão abatido?

HELICANO · Longo seria relatar-vos tudo.

A maior dor, porém, advém da perda de uma filha querida e da consorte.

LISÍMACO · Não poderemos vê-lo?

HELICANO · Certamente, mas baldados serão vossos esforços. Não fala com ninguém.

LISÍMACO · Contudo, permiti-me estar com ele.

HELICANO · Ei-lo ali.

*(Afasta a cortina e deixa aparecer Péricles.)*

Foi um homem muito belo, até o desastre de uma fatal noite que o reduziu a isto.

LISÍMACO · Senhor Rei, salve! Que as deidades vos amparem, senhor.

HELICANO · É tudo inútil; não vos dirá palavra.

PRIMEIRO NOBRE · Senhor, em Mitilene temos uma jovem, sou capaz de apostar, que umas palavras dele conseguirá.

LISÍMACO · Ótima idéia.

Não tenho dúvida de que com sua suave harmonia, ao lado de outros meios de chamar-lhe a atenção, irresistíveis, ela há de enfeitá-lo e achar passagem por suas portas surdas, que ora se acham fechadas para tudo. Neste instante,

mais bela e venturosa do que todas, com suas virgens companheiras se acha no bosque passeando que confina com este lado da ilha.

*(Fala baixo com um dos nobres, que se retira no escaler de Lisímaco.)*

HELICANO · Será tudo de balde, meu senhor; mas não queremos omitir nada do que traga o nome de remédio eficaz. Já que abusamos, porém, tanto de vossa gentileza, permiti que vos peça um novo obséquio: deixar com que nosso ouro renovemos as nossas provisões. Não é que falta tenhamos de algo; mas já se acham velhas e nós enjoados delas.

LISÍMACO · Oh, senhor! Se esse pedido nós vos recusássemos, justas se mostrariam as deidades enchendo de lagartas nossas plantas, para assim afligir esta província.

Mas permiti que novamente insista convosco para conhecer por miúdo a causa da tristeza do monarca.

HELICANO · Assentai-vos, senhor; vou relatar-vo-la. Mas, vede: é-me impossível.

*(Passam do escaler para o navio o nobre com Marina e outra jovem.)*

LISÍMACO · Eis que chega quem eu mandei buscar. Muito bem-vinda, minha bela. Não é encantadora?

HELICANO · Criatura mui galante.

LISÍMACO · É uma pessoa que, se eu pudesse ter plena certeza de que pertence a uma família boa, de estirpe da nobreza, não quisera outra para consorte e me julgara casado otimamente. Minha bela, podes contar com todas as larguezas de que dispõe a liberalidade, se bom deixares este real paciente. Caso puderes, pelo efeito próspero de tua arte, obter dele uma palavra, uma que seja, tua cura sacra há de render-te a paga a que puder teu desejo aspirar.

MARINA · Hei de valer-me,

senhor, de toda a minha habilidade para deixá-lo bom, porém somente com a condição de que só eu e minha companheira fiquemos perto dele.

LISÍMACO · Bem, deixemo-la; e que os deuses a ajudem nessa cura.

(*Marina canta.*)

LISÍMACO · Não prestou atenção à vossa música?

MARINA · Nem olhou para nós.

LISÍMACO · Oh! vai falar-lhe.

MARINA · Salve, senhor! Prestai-me agora ouvidos.

PÉRICLES · Hum? Ah!

MARINA ·

Sou uma jovem, senhor, que até hoje nunca solicitei o olhar de outra pessoa sem contemplada ser como um meteoro.

Quem vos fala, senhor, neste momento já sentiu uma dor que poderia o mesmíssimo peso ter que a vossa, se na balança fossem colocadas.

Muito embora a Fortuna caprichosa com ódio olhasse para o meu estado, antepassados tenho que podiam ficar de par com poderosos príncipes.

Mas o tempo arrancou do solo pátrio todos os meus parentes, e, oprimindo-me sob os golpes porfiados deste mundo, à triste escravidão me reduziu.

(*À parte.*)

Vou desistir. Mas algo faz o fogo subir-me ao rosto e baixo me segreda: “Não te afastes sem que ele a falar venha”.

PÉRICLES · Meu destino... família... da nobreza... como a minha... Não é? Como dissestes?

MARINA · O que eu disse, senhor, foi que, se acaso conhecêsseis os meus, não me faríeis violência assim tão grande.

PÉRICLES · Acredito. Mas, por obséquio, olhai-me. Com alguém pareceis-vos... Em que terra nascestes? Sois, acaso, destas margens?

MARINA ·

Não, de margem nenhuma. No entretanto, nasci como mortal e não sou outra, senão o que pareço.

PÉRICLES · Já sofri por demais, sendo forçoso

que procure nas lágrimas alívio.

Minha esposa querida parecia-se com esta jovem, e assim podia ser hoje minha filha. Minha esposa tinha a testa alta assim, a mesma altura, essa voz argentina, o porte erecto; os olhos, lindas jóias, em escrínios

tinha como estes; era uma outra Juno no andar e, como agora, seus discursos nunca os ouvidos me saciavam, nunca, por mais que os escutassem. Viveis onde?

MARINA · Aqui, onde não passo de estrangeira.

Do convés podeis ver toda a cidade.

PÉRICLES · Onde educada fostes? De que modo

chegastes a adquirir esses talentos

a que emprestais maior valor ainda?

MARINA · Se eu vos contasse minha história, fábula vos parecera, digna de ser posta

de lado, com desdém, depois de ouvida.

PÉRICLES · Não; fala, por obséquio.

De ti nascer não pode a falsidade,

pois o ar modesto tens como a justiça,

parecendo um palácio em que a verdade

coroadada tem o assento. Creio em ti

e farei que os sentidos acreditem

na tua relação, até nos pontos

que se afigurem mais inverossímeis,

pois te pareces com uma pessoa

que eu amei muito e muito. De que classe

eram teus pais? Não me disseste há pouco,

quando te repeli — logo de início —

que pertencias a família nobre?

MARINA · Realmente, é o que se dá.

PÉRICLES ·

Então, nomeia-a.

Creio que me dissestes teres sido

sacudida entre a injúria e o sofrimento

e que equiparas tua dor à minha,

se forem bem pesadas.

MARINA · Foi alguma

coisa nesse sentido que vos disse,

sem que haja dito nada que não seja

por minha convicção certificada.

PÉRICLES · Conta-me tua história. Se a milésima

parte ela contiver de minhas dores,

és tu que és homem, e eu sofri até hoje

tal como uma menina. Apesar disso,

tens a aparência da Resignação  
no túmulo dos reis, que, desarmada  
com seu sorriso deixa a adversidade.  
Teus pais quem foram? Quem? Como os perdeste?  
Como te chamas, virginal criança?  
Conta-me tudo, por favor. Vem; senta-te  
aqui ao meu lado.

MARINA · Chamou-me Marina.

PÉRICLES · Zombas de mim. Aqui foste mandada  
por algum deus infenso, porque escárnio  
do mundo me tornasse.

MARINA · Paciência,  
meu bom senhor, ou não direi mais nada.

PÉRICLES · Tenho paciência. Imaginar não podes  
quanto me abalas ao me revelares  
que te chamas Marina.

MARINA · Semelhante  
nome foi posto em mim por quem possuía  
algum poder: por meu bom pai, um Rei.

PÉRICLES · Como! Marina, e filha de um monarca?

MARINA · Dissestes que haveríeis de dar crédito  
a quanto vos contasse; mas se minha  
narrativa vos causa algum transtorno,  
interrompo-a aqui mesmo.

PÉRICLES · Sois de carne?  
Tendes sangue que pulsa? Não sois fada?  
Podeis mover-vos? Bem; então falai.

Onde nascestes? E por que motivo  
vos puseram o nome de Marina?

MARINA · Por ter nascido em pleno mar, o nome  
recebi de Marina.

PÉRICLES · Em pleno mar!  
E vossa mãe quem foi?

MARINA · Filha de um Rei;  
faleceu justamente no minuto  
em que eu nasci, tal como muitas vezes  
me contava entre lágrimas a minha  
bondosa ama Licórida.

PÉRICLES · Oh! detende-vos  
por um momento. Este é o mais raro sonho  
com que o pesado sono já zombou  
dos mortais infelizes. É impossível;  
minha filha está morta. Mas que seja.  
Onde fostes criada? Vou ouvir-vos  
toda a história, sem nunca interromper-vos.

MARINA · Não podereis dar crédito ao que eu  
digo; fora melhor ficarmos aqui mesmo.

PÉRICLES · Darei crédito até a última sílaba  
do que disserdes. Mas, um momentinho.  
Como viestes até aqui? E onde  
fostes criada?

MARINA · O Rei meu pai me havia  
deixado em Tarso, e lá o cruel Cleão  
com sua esposa pérfida tentaram  
tirar-me a vida. Havendo assentado isso,  
um miserável se incumbiu do feito.  
Mas no momento crítico uma turba  
de piratas surgiu, que me salvou  
e para Mitilene enfim me trouxe.

Mas que quereis de mim, senhor bondoso?  
Por que chorais? Talvez penseis que eu seja  
culpada de impostura. Mas afirmo-vos  
que eu sou realmente filha do Rei Péricles,  
se ainda vivo estiver o bom Rei Péricles.

PÉRICLES · Olá! Helicano!

HELICANO · Meu senhor chamou-me?

PÉRICLES · És um grave e mui nobre conselheiro,  
muito sábio sob todos os aspectos.  
Mas revela-me agora, se puderes,  
quem é ou pode ser esta donzela  
que assim me faz chorar.

HELICANO · Não sei dizê-lo,  
senhor; mas o regente aqui se encontra  
de Mitilene, que só faz sobre ela  
mui dignas referências.

LISÍMACO · Ela nunca  
disse o nome dos pais; se perguntada,  
silenciava e se punha a chorar logo.

PÉRICLES · Oh Helicano, honrado amigo! Bate-me,  
faze-me uma ferida, uma dor! Vamos!  
para que o grande mar desta alegria  
que me assoberba não inunde as praias  
de minha condição mortal e, enfim,  
não me afogue em delícias. Aproxima-te,  
oh tu, que me dás vida, tendo a vida  
recebido de mim, tu, que nasceste  
no mar, em Tarso foste sepultada  
e no mar encontrada novamente.  
Oh Helicano, ajoelha-te e agradece  
aos deuses justos com ações de graças  
mais estrondosas ainda do que os próprios  
trovões que nos ameaçam. É Marina.  
Qual era o nome de tua mãe? Revela-nos  
apenas isso, que a verdade nunca

perde em ser confirmada e muito embora  
à tua história eu dê inteiro crédito.

MARINA · Primeiramente, meu senhor, digei-me:  
qual é o vosso título?

PÉRICLES · Sou Péricles de Tiro. Mas revela-me  
agora, tu que foste até este instante  
de uma divina exatidão, o nome  
de minha esposa morta, para herdares  
um reino logo, porque deste vida  
a Péricles, teu pai.

MARINA · Para ser vossa filha, então, só tenho  
que vos dizer que era Taísa o nome  
de minha mãe. Sou filha de Taísa,  
que faleceu no instante em que eu nasci.

PÉRICLES · Oh, abençoada sejas! Não, levanta-te!  
És minha filha. Dá-me roupa nova,  
Helicano; ela é minha. Sepultada  
em Tarso não ficou, como o quisera  
o miserável Cleão. Toda essa história  
ela te contará, quando, de joelhos,  
tu a reconheceres como tua  
legítima princesa. Quem é este?

HELICANO · É o regente, senhor, de Mitilene,  
que falar tendo ouvido em vossa grande  
melancolia, veio visitar-vos.

PÉRICLES ·  
Abraço-vos, senhor. Dai-me outras vestes.  
Estou desorientado. Oh céus! a bênção  
deitai em minha filha. Mas, que é isso?  
Que música é essa? Vamos, a Helicano,  
minha Marina, conta toda a história,  
ponto por ponto, pois parece que ele  
duvida ainda que és seguramente  
minha querida filha. E essa música?

HELICANO · Não ouço nada, meu senhor.

PÉRICLES · É a música  
das esferas. Minha Marina, escuta-a.

LISÍMACO · Convém não contrariá-lo; concedamos-lhe  
o que quiser.

PÉRICLES · Que sono! Ouvis a música?

LISÍMACO · Ouço, senhor.

(*Música.*)

PÉRICLES · É a mais celeste música.  
Obriga-me a escutá-la; uma profunda  
sonolência me pesa sobre as pálpebras.

Deixai-me repousar.

(*Adormece.*)

LISÍMACO · Um travesseiro  
sob a cabeça dele. E assim, deixemo-lo.  
Bem, companheiros meus e meus amigos,  
se tudo sair bem, como desejo,  
hei de lembrar-me ainda de vós todos.

(*Saem todos, com exceção de Péricles. Diana aparece a  
Péricles, como em uma visão.*)

DIANA · Tenho em Éfeso o templo; sem demora  
vai até lá e faz um sacrifício  
no meu altar; e quando se encontrarem  
juntas as virginais sacerdotisas,  
diante de todo o povo  
conta como no mar perdeste a esposa;  
desperta a compaixão de todos para  
teus infortúnios e de tua filha  
e deles faz uma pintura viva.  
Faze isso e encontrarás felicidade.  
Por meu arco argentino, essa é a verdade.  
Acorda e conta o sonho.

(*Desaparece.*)

PÉRICLES · Deusa argentina, celestial Diana,  
farei o que ordenaste. Olá, Helicano!

(*Entram Helicano, Lisímaco e Marina.*)

HELICANO · Senhor?

PÉRICLES · Tinha a intenção de ir até Tarso,  
para castigo dar ao fero Cleão.  
Mas antes disso tenho outros deveres.  
Para Éfeso dirige nossas velas  
enfundadas. A causa, há de sabê-la  
dentro de pouco. (*A Lisímaco.*) Permitis, senhor,  
que tomemos refresco em vossas praias  
e provisões compremos, na medida  
do que necessitarmos?

LISÍMACO · De todo o coração, senhor; e  
[quando

vos achardes em terra, por meu lado  
vos farei um pedido.

PÉRICLES · Satisfeito  
sereis nisso, ainda mesmo que se trate  
de casamento com a minha filha,  
pois parece que agistes nobremente  
em relação a ela.

LISÍMACO · Dai-me o braço.

PÉRICLES · Vamos, minha Marina.

(*Saem.*)

## Ato V · Cena II

*Diante do templo de Diana, em Éfeso.  
Entra Gower.*

Já correu quase toda a areia;  
da história o fim se delinea.  
Mais um favor ainda vos peço,  
pois nisso eu fundo alto sucesso:  
imaginardes a alegria,  
festas e jogos em porfia  
que realizou em Mitilene  
com brilho e pompa mui solene  
o governante, para o Rei  
saudar em terra. Só direi  
que ele alcançou seu alto intento,

pois prometida em casamento  
lhe foi Marina, a incomparável.  
Mas pede o Rei que seja adiável  
esse intervalo esponsalício  
té que realize o sacrifício  
no altar de Diana. Ei-lo a viajar;  
deveis o resto imaginar.  
De velas pandas, tudo passa  
pelo melhor, em fase escassa.  
Já o Rei em Éfeso se via  
com toda a sua companhia.  
Pôde ele ali chegar tão cedo  
porque o ajudastes em segredo.

*(Sai.)*

## Ato V · Cena III

*O templo de Diana, em Éfeso. Taísa se encontra ao lado do altar, como grande sacerdotisa; de cada lado, certo número de virgens; na assistência, Cerimão e outros moradores de Éfeso. Entram Péricles com seu séquito, Lisímaco, Helicano, Marina e uma dama.*

PÉRICLES · Salve, Diana! Aqui sou vindo, para dar cumprimentos a tuas justas ordens. Declaro aqui que sou o Rei de Tiro. Pelo terror havendo sido expulso de meu país, casei-me com Taísa, em Pentápole, a qual morreu de parto, em alto-mar, depois de haver no mundo posto uma filha, a que chamei Marina, e que ainda traz suas vestes argentinas, oh Deusa! Em Tarso foi ela educada por Cleão, que tentou assassiná-la, quando ela completara quatorze anos. Porém a Mitilene foi trazida por sua boa estrela. Navegando por aquelas paragens nos achávamos, quando a Fortuna a conduziu a bordo, tendo ela por indícios eloqüentes provado que era a minha amada filha.

TAÍSA · A voz e os traços... sois... sois... oh real Péricles!  
*(Desmaia.)*

PÉRICLES · Que quer dizer a freira? Está morrendo! Acudam, cavalheiros!

CERIMÃO · Nobre senhor, se é verdadeiro quanto no altar de Diana declarastes, esta senhora é vossa esposa.

PÉRICLES · Não é possível, venerável senhor; com estes braços eu mesmo a joguei na água.

CERIMÃO · Aqui por perto, tenho certeza disso.

PÉRICLES · Sim, é certo.

CERIMÃO · Cuidai dela. É alegria que a surpreende. No albor de uma manhã tempestuosa foi lançada esta dama em nossa praia.

Abri o esquite e achei preciosas jóias, reanimei-a e no templo a pus de Diana.

PÉRICLES · Podemos ver as jóias?

CERIMÃO · Todas elas, grande senhor, vos hão de ser mostradas, se o invite me aceitardes. Vede: o espírito Taísa recobrou.

TAÍSA · Deixai-me vê-lo;  
se não for nada meu, o meu sagrado  
ministério não há de ouvido impuro  
emprestar-me aos sentidos, abafando-o  
apesar do que vi. Oh meu senhor!  
Sois Péricles? A fala tendes dele;  
parecei-vos com ele. Não falastes  
em tempestade, nascimento e morte?  
PÉRICLES · É a voz da falecida, de Taísa!  
TAÍSA · Eu sou Taísa, que passou por morta,  
por afogada.

PÉRICLES · Oh imortal Diana!  
TAÍSA · Um pouco mais vos reconheço agora.  
Quando, os olhos de lágrimas banhados,  
Pentápole deixamos, um anel  
vos deu o Rei meu pai igual a este.

*(Mostra-lhe um anel.)*

PÉRICLES · É esse! é esse! Basta, grandes deuses!  
Vossa bondade atual torna em brinquedo  
minhas dores passadas. Bem faríeis  
fundindo-me e deixando que eu sumisse  
ao contacto dos lábios de Taísa.  
Oh, vem, querida! Uma vez mais desejo  
sepultar-te em meus braços.

MARINA · Já inquieto  
se acha meu coração, para no seio  
saltar de minha mãe.

*(Ajoelha-se diante de Taísa.)*

PÉRICLES ·  
Vê quem se ajoelha em sua frente! A carne  
de tua carne, Taísa, que trazias  
em nossa viagem e a quem dei o nome  
de Marina, por ter no mar nascido.  
TAÍSA · Abençoada sejas, minha filha.  
HELICANO · Salve, senhora e minha soberana!  
TAÍSA · Não sei quem sois.

PÉRICLES · Ouvistes-me bem vezes  
dizer, quando de Tiro me ausentara,  
que eu lá deixara um velho substituto.  
Não vos lembrais do nome que eu lhe dava?  
Nomeei-o muitas vezes.

TAÍSA · Ah! Helicano.

PÉRICLES · Nova confirmação.  
Abraçai-o, Taísa; é ele mesmo.  
Ansioso me acho para ouvir agora  
como fostes achada, de que modo  
fostes salva e a quem devo — afora os deuses —

agradecer esse milagre enorme.  
TAÍSA · Ao senhor Cerimão, por quem os deuses  
manifestaram sua grande força,  
e que de ponta a ponta pode dar-vos  
explicação de tudo.

PÉRICLES · Venerável  
senhor, os deuses um mortal ministro  
não possuem que mais do que vós próprio  
se pareça com um deus. Podeis contar-me  
como a defunta retomou à vida?

CERIMÃO ·  
Pois não, senhor. Mas, por obséquio, vamos  
primeiro à minha casa, onde vos hei de  
mostrar o que se achou ao lado dela,  
como posta foi ela neste templo,  
sem omitirmos nada de importância.  
PÉRICLES · Pura Diana, abençoada sejas  
por aquela visão! Oferecer-te  
vou minhas oblações noturnas. Vede,  
minha Taísa, o príncipe que noivo  
ficou de vossa filha e desposá-la  
vai em Pentápole.

E ora esta cabeleira que me empresta  
tão feroz aparência, vou cortá-la,  
e esta barba que nunca foi tocada  
por navalha durante quatorze anos,  
Marina, em honra de teu casamento  
vou deixar mais bonita.

TAÍSA · O senhor Cerimão por umas cartas  
dignas de crédito a notícia teve  
da morte de meu pai.

PÉRICLES · Que um astro dele  
os céus a fazer venham. Nos seus reinos,  
minha querida, é que celebraremos  
o enlace destes noivos, e o restante  
da vida passaremos. Nossos filhos  
hão de reinar em Tiro. Da morada,  
vossa, meu caro, mostrai logo a estrada.

*(Sai.)*

*Entra Gower.*

Em Antíoco e a filha, castigado  
vistes o vício e o crime justificado.  
Em Péricles, a esposa e a filha — embora  
por males assaltados a toda hora —  
ser premiada a virtude e, o céu por guia,

coroada finalmente de alegria.  
Em Helicano, vistes a figura  
da lealdade, do afeto e da lisura.  
No venerável Cerimão rebrilha  
a caridade que da ciência é filha.  
Quanto ao cruel Cleão e à má Dionisa,  
desde que a Fama, por sua voz precisa,  
seus feitos propalou e o nome honrado

de Péricles, o povo, revoltado,  
correu para o palácio e, incontinenti,  
aos dois queimou com toda a sua gente.  
Foram punidos; não que praticado  
o crime houvessem, mas premeditado.  
Alegria auspiciamo-vos divina.  
Adeus, pois nossa peça aqui termina.

*(Sai.)*